



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE FÍSICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS**  
**CIÊNCIAS**

**LUIZ SÉRGIO SANTOS SOUZA**

**FREUD E O PARADIGMA INDICIÁRIO:**  
**EPISTEMOLOGIA DO MÉTODO FREUDIANO DE INVESTIGAÇÃO DA MENTE**

Salvador  
2005

S729 Souza, Luiz Sérgio Santos

Freud e o paradigma indiciário: epistemologia do método  
Freudiano de investigação da mente . – Salvador: L. S. S. Souza,  
2005.

99 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Salles.

Dissertação(mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Ins-  
tituto de Física, 2005.

1. Ciência – Filosofia. 2. Epistemologia. 3. Inconsciente. I. Universidade  
Federal da Bahia. Instituto de Física. II. Salles, João Carlos.

CDU – 101.1(043.3)

**LUIZ SÉRGIO SANTOS SOUZA**

**FREUD E O PARADIGMA INDICIÁRIO  
EPISTEMOLOGIA DO MÉTODO FREUDIANO DE INVESTIGAÇÃO DA MENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Filosofia da Ciência.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Salles

Salvador  
2005

A meu pai, que me passou o bastão da sua sabedoria.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador João Carlos Salles, cujo rigor teórico e aptidão para dizer a verdade sem floreios inspiraram a minha busca por qualidade.

Aos meus colegas Ana Maria de Almeida e Leonardo Celuque, com os quais, ao longo do curso, troquei muitas idéias e passei momentos aprazíveis.

A professora Solange Fonseca, pela sua disponibilidade e competente apoio.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa oferecida.

Aos meus professores do mestrado, que me transmitiram, com paciência e solidez, os seus conhecimentos.

Assim como o homem forte exulta com sua capacidade física, deleitando-se com exercícios que põem os seus músculos em ação, assim também o analista experimenta grande satisfação com a atividade intelectual que lhe permite desemaranhar as coisas.  
(Edgar Allan Poe)

## RESUMO

Neste trabalho, reflete-se sobre o lugar na Ciência que ocupa o método freudiano de investigação da mente. Examina-se as suas peculiaridades, considerando a sua inclusão no modelo epistemológico proposto por Carlo Ginzburg, denominado paradigma indiciário. A análise desta circunstância é efetuada a partir do paralelo entre o método freudiano e aqueles dos dois demais integrantes deste paradigma, ou sejam, Morelli, o crítico de arte, e Sherlock Holmes, o personagem detetivesco criado por Conan Doyle. Ao longo do texto, forjado como uma investigação criminal, é analisado o método freudiano, considerando as características das pistas que são por ele examinadas, o tipo da trilha conectiva, que leva dos indícios ao sujeito procurado e a natureza deste último. Assim, são analisadas criticamente as idéias básicas de Ginzburg no texto em que expõe o seu paradigma, contrapondo a participação do método freudiano com aqueles dos outros dois integrantes. Em seguida, examinam-se as particularidades dos indícios que servem de ponto de partida para a investigação freudiana e que foram denominados neste trabalho de “manifestações do inconsciente”. A seguir, observam-se as particularidades da trilha através da qual a investigação freudiana é levada a cabo, que é aquela das associações de idéias, comum a todo tipo de análise lógica. A peculiaridade desta investigação ao usá-las é que as suas associações iniciam-se com idéias conscientes para depois enveredar pelos sistemas pré-consciente e inconsciente, conforme modelo teórico proposto por Freud. O método de análise usado nesta empreitada, o da associação livre é também examinado. Depois disto, são analisadas as características do sujeito que é encontrado ao fim da cadeia investigativa, examinando as suas peculiaridades e comparado-o com aqueles que são apresentados por Holmes e Morelli no final das suas investigações. Por fim, nas considerações finais, analisa-se o desenvolvimento dos capítulos precedentes, sob o ponto de vista da inclusão do método de análise freudiano no âmbito das ciências, concluindo-se com a sugestão de que o paradigma proposto por Ginzburg é o modelo epistemológico mais adequado para enquadrar cientificamente este método de pesquisa.

**Palavras-chave:** Freud; Ginzburg; inconsciente; paradigma indiciário; associação de idéias.

## ABSTRACT

The present work reflects on the place in science that the Freudian method of mental investigation occupies. It examines its peculiarities, while considering its inclusion in the epistemological model proposed by Carlo Ginzburg denominated evidential paradigm. The analysis of this circumstance is effected starting with the parallel found between the Freudian method and those of the other two members of this paradigm, Morelli, the art critic, and Sherlock Holmes, the detective character created by Sir Arthur Conan Doyle. Throughout the text, presented as a criminal investigation, the Freudian method is analyzed, considering the character of the clues examined by him, the type of connective trail that leads to the subject searched for, and the nature of the latter. Thus, the basic ideas of Ginzburg are critically analyzed in the text that exposes his paradigm, contrasting the participation of the Freudian method with those of the other two. Afterwards, the particularities of the clues which serve as a point of departure for Freudian investigation and which were denominated in this work "manifestations of the unconscious" are examined. Next are observed the particularities of the trail by which the Freudian investigation, that of associations of ideas and common to all forms of logical analysis, is concluded. The peculiarity of this investigation in using them is that their associations begin with conscious ideas and then go on to pre-conscious and unconscious ones, in accordance with the theoretical model proposed by Freud. The method of analysis used in this work, of free association is also examined. After this, the characteristics of the subject who is encountered at the end of this investigative journey are analyzed, examining his peculiarities and comparing him with those that are introduced by Holmes and Morelli at the end of their investigations. Finally, as a final consideration, the development of the preceding chapters are analyzed from the point of view of including the Freudian method of analysis in the sphere of the sciences, concluding with the suggestion that the paradigm proposed by Ginzburg is the most adequate epistemological model to scientifically encompass this method of research.

**KEY WORDS:** Freud; Ginzburg; unconscious; evidential paradigm; associations of ideas.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 O PARADIGMA INDICIÁRIO</b>	<b>14</b>
<b>2 OS INDÍCIOS</b>	<b>31</b>
2.1 SONHOS	32
2.2 ATOS FALHOS	51
2.3 SINTOMAS NEURÓTICOS	56
<b>3 A TRILHA ASSOCIATIVA</b>	<b>62</b>
3.1 FREUD E O ASSOCIACIONISMO	63
3.2 ASSOCIANDO IDÉIAS	67
3.3 A TÉCNICA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE	74
<b>4 O SUJEITO FUGAZ</b>	<b>79</b>
4.1 A MENTE DIVIDIDA	79
4.2 UMA CAPTURA IMPOSSÍVEL	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

Freud, durante toda a sua vida, dedicou-se a investigar a psique, elaborando idéias que expõem as suas concepções sobre o funcionamento da mente. Estas idéias são pautadas na análise e construção teórica de material colhido a partir de sua experiência clínica, na escuta de pacientes com problemas psíquicos, e da percepção e análise da sua própria vida mental.

Nessas experiências, ele deparou-se com um tipo de funcionamento mental possuidor de leis próprias, cujas representações ideativas são submetidas a uma sintaxe que difere inteiramente daquela que rege as nossas idéias conscientes. O ponto central das idéias de Freud se tornará, assim, o conceito do inconsciente, que ele considerará como sendo fundamental para o entendimento das funções psíquicas do homem.

A idéia de inconsciente que emerge da teoria freudiana é a de um lugar ou de um processo mental, isolado do “eu” consciente, com sua própria dinâmica e lógica peculiar. É o “Inconsciente Dinâmico”, cujas leis de funcionamento, Freud dedicou a vida para sistematizar.

As idéias freudianas foram, ao longo do século XX, tornando-se assunto de interesse em várias áreas do saber. Seus conceitos e métodos de investigação são citados e aplicados mundialmente. “Psicanálise” passou a ser um verbete obrigatório dos dicionários e enciclopédias, tanto nos de uso corrente, como nos de filosofia e ciências humanas. Porém o estatuto científico deste saber constitui-se num ponto controverso. Uma investigação que procure determinar o lugar na Ciência que ele ocupa deverá ser de relevante interesse epistemológico.

A preocupação de Freud com o estatuto científico das suas descobertas é algo que salta aos olhos nos seus primeiros trabalhos. Ao longo do desenvolvimento das suas idéias, esta preocupação, de uma certa forma, se arrefece, mas, mesmo assim, continuou como um

assunto nunca definido. Teóricos da psicanálise, seguindo os passos do mestre, tentaram, ao longo dos anos, trazer de volta esta questão, que continua em pauta, inconclusa.

Ao tratar-se de Ciência, deve-se tentar definir o que se pretende exprimir por este conceito. Apesar do senso comum crer que há uma concordância entre os estudiosos da Ciência sobre o seu significado, a realidade é outra. Uma breve visita às disputas epistemológicas entre os principais filósofos da Ciência deixará claro que o consenso sobre qual seja a sua natureza é uma possibilidade remota.

Em nosso trabalho, damos à “Ciência” significado amplo, que abrange tanto as ciências ditas exatas, quanto as ciências do Homem. A Ciência, de uma maneira abrangente, pode ser considerada como um método de aquisição de conhecimento relativo a determinado objeto, por meio de observação sistemática e métodos próprios. Trataremos aqui do método freudiano de investigação da mente humana e da especificidade do objeto por ele analisado, procurando apreender a natureza dos conhecimentos que são por ele obtidos. Para isto, tomaremos por base o paradigma expresso a seguir.

Em 1979, Carlo Ginzburg propôs, num ensaio denominado “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário”, a existência de um paradigma para as ciências humanas, que, “[...] por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente”, como um modelo epistemológico, ou “caso se prefira, um paradigma”(GINZBURG, 2001, p.143).

Nesse texto, Ginzburg compara o método freudiano de lidar com pequenos indícios, na análise da vida mental, com o da investigação artística de Giovanni Morelli e o método da investigação detetivesca sherlockiana, mostrando que, entre outras particularidades, tanto Morelli quanto Freud e Conan Doyle eram médicos e, portanto, exercitados na prática de inspecionar minúsculos indícios, na busca por diagnósticos. Este “modelo epistemológico”, embora sem aceitação consensual entre os epistemólogos, alicerça o nosso empreendimento ao longo desta pesquisa.

As personagens centrais do paradigma indiciário, em Ginzburg, são Freud, Holmes e Morelli. Todos eles, à sua maneira, são investigadores e partem de pistas ou indícios encontrados e seguem a trilha que os conduzirá destes indícios até o sujeito procurado. De uma determinada maneira, os métodos de trabalho desses três personagens são muito semelhantes. A natureza do sujeito procurado por cada um deles, no entanto, é que irá marcar uma diferença entre cada uma das investigações. A natureza peculiar do sujeito freudiano irá marcar esta diferença de forma radical. O desenvolvimento da investigação freudiana e o tipo do sujeito nela examinado são o fio condutor deste trabalho, cuja estrutura é montada tal qual o desenvolvimento de uma investigação sherlockiana, seguindo o esquema analógico delineado por Ginzburg e aqui reproduzido.

O período que vai de 1900 a 1905, abrange a edição de alguns livros que lançarão os pilares do edifício teórico freudiano. É durante esses anos que Freud publica o seu “Livro dos Sonhos”, e a *Psicopatologia da vida cotidiana*, textos básicos na análise que aqui realizamos.

A obra de Freud é bem extensa, sua primeira publicação data de 1886<sup>1</sup> e a última, de 1937<sup>2</sup>. Ao longo desse período, com textos que preencheram mais de vinte volumes da sua obra completa, Freud delineia e burila o seu vasto edifício teórico, havendo, nesse percurso, várias mudanças deste seu ponto de vista. Sua teoria, entretanto, permanece direcionada à análise das manifestações do inconsciente, que são formações de compromisso entre o sistema inconsciente e os sistemas pré-consciente/consciente, em forma de representações substitutas.

Essas representações são os Sonhos, os Sintomas e os Atos Falhos. Estes últimos são a ferramenta mais usada pelos analistas no exercício de sua profissão. São, também, o tema da teoria freudiana mais popularizado. Para citar um exemplo famoso, em 1974, num

---

<sup>1</sup> Trata-se de um prefácio à tradução das Conferências sobre as doenças do sistema nervoso, de Charcot. (FREUD, 1976, v. 1, p. 53).

<sup>2</sup> Esboço de Psicanálise (FREUD, 1976, v. 23, p. 169).

discurso público, o então presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, lia um comunicado à Nação, no qual pretendia amenizar os protestos contra o caso “Watergate”. Num determinado trecho, ao invés de ler “let’s forget this present” [vamos esquecer este presente], Nixon leu “let’s forget this president” [vamos esquecer este presidente]. No dia seguinte, os jornais do mundo inteiro publicaram que “Nixon cometeu um terrível ‘ato freudiano’”. *A Interpretação de sonhos* foi o livro que lançou as idéias de Freud sobre o funcionamento da mente humana e, de uma certa forma, continuou sendo o texto básico de suas idéias sobre o inconsciente.

Esses dois livros contêm exemplos primorosos do método de investigação de Freud, no que concerne à sua maneira de examinar um indício da vida psíquica para descobrir uma informação vinda do inconsciente. Deste modo, estes livros tornam-se os textos privilegiados para os nossos objetivos e é por isto que os empregamos aqui mais do que os demais.

Além desta Introdução, este estudo se desenvolve em quatro capítulos, seguidos de Considerações Finais.

No Capítulo 1, expomos as idéias básicas de Ginzburg no seu artigo que introduz o paradigma indiciário, analisando criticamente as suas principais premissas e destacando as peculiaridades da natureza da investigação freudiana em contraponto com aquelas dos dois outros integrantes deste paradigma.

O segundo capítulo examina os tipos de indícios, ou pistas que servem de ponto de partida para a investigação de Freud. Elas são aquilo que denominamos, neste trabalho, de “manifestações do inconsciente”, ou seja, fenômenos ocorridos na vida consciente gerados por impulsos inconscientes e que estão a estes conectados por associação de idéias.

No terceiro capítulo, tratamos da trilha através da qual a investigação freudiana deve ser percorrida, que é pavimentada por idéias que são associadas entre si. Esta trilha tem início na manifestação do inconsciente e envereda pelos sistemas mentais não conscientes.

Examinamos aí a origem do associacionismo em Freud e a sua técnica de associação livre, instrumento fundamental numa investigação psicanalítica.

O quarto capítulo expõe as especificidades do sistema inconsciente, local onde o sujeito investigado está refugiado, ao tempo em que examina a natureza peculiar deste último.

Nas considerações finais, partindo daquilo que foi desenvolvido ao longo dos capítulos precedentes, apontamos o paradigma indiciário como necessário epistemologicamente para classificar cientificamente o método freudiano de investigação da mente, considerando que, pelas suas características incomuns, determinadas pela natureza peculiar do seu objeto de investigação e pelo local no qual a investigação é efetuada, não se pode aplicar a esta pesquisa o método da indução científica na verificação dos seus resultados.

## 1 O PARADIGMA INDICIÁRIO

O Paradigma Indiciário nos é apresentado por Ginzburg, num ensaio de 1979, intitulado “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”. Nele, o autor propõe um “modelo epistemológico (caso se prefira, um paradigma) ao qual até agora não se prestou suficiente atenção”(GINZBURG, 2001, p.143). O paradigma nos é introduzido pela descrição do trabalho do crítico de arte, do século XIX, Giovanni Morelli, que publicou, sob pseudônimo, na década de 70 do século XIX, numa revista de arte alemã, uma série de artigos sobre a pintura italiana. Neles, Morelli propunha um novo método de atribuição autoral de quadros antigos, espalhados por diversos museus, que, segundo ele, estavam cheios de trabalhos erroneamente atribuídos. Seu método consistia em distinguir os originais das cópias, sem se basear, como usualmente se fazia, no exame das características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, seria necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés etc. Usando esse método, Morelli catalogou várias descobertas de erro de autoria de quadros em museus de vários países.

Apesar do sucesso, Morelli foi bastante criticado, embora Ginzburg acredite que, secretamente, seus críticos usavam o seu método. Apesar das críticas, o “[...] método morelliano ainda hoje é comentado pelos críticos de arte” (GINZBURG, 2001, p.143-144).

Tomando por base o livro de Wind e o de Castelnovo (GINZBURG, 2001, p.145) – que desenvolveu uma comparação entre o método de Morelli e o de Sherlock Holmes –, Ginzburg traça um paralelo entre esses dois investigadores: “O conhecedor de arte

é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria”.

Citando o livro de Wind, Ginzburg ainda afirma que algumas das suas passagens – por exemplo, aquela em que ele comenta que, para Morelli, “[...]a personalidade deve ser procurada onde o esforço pessoal é menos intenso”, afirmando que “[...]sobre este ponto a psicologia moderna estaria certamente do lado de Morelli: os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós” – teriam atraído a atenção dos estudiosos para o “famoso” ensaio “O Moisés de Michelangelo”, no qual Freud explicita o seu conhecimento e uso dos métodos de Morelli”(GINZBURG, 2001, p.146-147). Para Ginzburg, a declaração de Freud sobre o seu conhecimento da técnica de Morelli garante para este último “um lugar especial na história da formação da psicanálise”(GINZBURG, 2001, p.148).

Há também uma aproximação entre Freud e a famosa criação literária de Conan Doyle. Ginzburg nos assegura que Freud falou para um de seus pacientes (o “homem dos lobos”) do seu interesse pelas aventuras de Sherlock Holmes. Temos, dessa forma, uma conexão entre os três personagens centrais do paradigma indiciário. “Nos três casos, pistas talvez infinitesimais, permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível. Pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” (GINZBURG, 2001, p.150).

Ginzburg coloca uma pergunta, a esta altura, cuja resposta parece ser a verdadeira razão desse seu ensaio:

Como se explica essa tripla analogia? A resposta à primeira vista, é muito simples. Freud era um médico; Morelli formou-se em medicina; Conan Doyle havia sido médico antes de dedicar-se à literatura. Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo [...] Mas não se trata simplesmente de coincidências biográficas. No final do século XIX – mais precisamente, na década de 1870-80 –, começou a se afirmar nas ciências



humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica. (GINZBURG, 2001, p.150-151).

Embora, no seu ensaio, Ginzburg não proceda uma análise mais aprofundada do método de investigação dos três integrantes do seu paradigma, provavelmente por ser uma introdução à sua idéia, ele, logo nas primeiras linhas, nos diz que “[...]a análise desse paradigma, amplamente operante de fato, ainda que não teorizado explicitamente, talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’” (GINZBURG, 2001, p.143). Uma “análise desse paradigma”, sem dúvida, nos levaria, entre outras coisas, ao exame das semelhanças e das diferenças entre os métodos de trabalho, entre os indícios examinados e os resultados encontrados ao fim das investigações de cada um dos três investigadores que partilham, de forma constituinte, este paradigma, ou seja: Holmes, Freud e Morelli, com a finalidade de, aprofundando um conhecimento das suas diferenças e das suas semelhanças, conhecer mais detalhadamente a amplitude da ação do paradigma e das peculiaridades de cada uma das formas de trabalho dos seus integrantes. Em nosso trabalho, como já apontamos, nos cabe um aprofundamento nas características da investigação freudiana e é por isso que as outras duas são usadas como comparação para atingirmos o nosso objetivo.

Chamamos atenção para o fato de que, embora os indícios analisados por estes três integrantes do paradigma sejam de natureza diversa, os objetos alvos das suas investigações são sempre o sujeito humano. No caso de Holmes, o criminoso, no de Morelli, o artista e no de Freud, o sujeito do inconsciente.

Ao nos determos sobre a maneira de trabalho de cada um deles, podemos verificar que há alguma semelhança entre as suas metodologias. A diferença entre os seus objetos de investigação irá afetar a maneira pela qual compartilham o paradigma. Os objetos de investigação de Morelli e de Holmes têm a característica em comum de serem pessoas com

identidades catalogáveis. As características inerentes ao objeto da investigação freudiana, porém, são de tal forma peculiares, que as tornam motivo de um exame metuculoso.

O método sherlockiano nos é ilustrado por Ginzburg num exemplo que, por usar um dos objetos de análise morelliana nas investigações das obras de arte, nos induz a pensar numa equivalência entre o seu método e aquele de Morelli. Trata-se de um caso em que Holmes examina o formato de orelhas, para chegar às suas conclusões. Na investigação, o detetive depara-se com duas orelhas numa caixa de papelão, recebida, pelos correios, por uma dama. Holmes examina o formato anatômico de uma das orelhas e o compara com aquele do das orelhas da receptora, concluindo que uma das vítimas “[...]devia ser uma parente consangüínea, provavelmente muito próxima, da senhorita”. Holmes explica ao leitor, dirigindo-se a Watson, que havia publicado monografias sobre a anatomia das orelhas, pois “[...]não existe parte do corpo humano que ofereça maiores variações”, possuindo cada uma características próprias que as diferenciam de todas as outras. Dessa forma, considerava-se apto para analisar a similaridade entre a orelha na caixa e as da senhorita, “percebendo de imediato” que “em todos os pontos essenciais tratava-se da mesma orelha”. Holmes obtém, dessa forma, uma identificação parcial do objeto de suas investigações: a dona de uma das orelhas da caixa é parente da dama para quem esta havia sido enviada (GINZBURG, 2001, p.146).

Mas, aí onde Ginzburg nos apresenta uma similitude, podemos identificar uma distinção. As orelhas de Morelli nos conduzem à subjetividade do seu criador – objeto da pesquisa –, enquanto as de Holmes são parte integrante da anatomia do sujeito investigado. Em um exemplo, elas são produto das ações do pintor, “que lhe escapam sem que ele se dê conta”, portanto, algo do seu mundo mental não consciente, noutro, elas são parte integrante da anatomia do sujeito, fruto da sua herança genética. Porém, ainda que haja a diferença da contraposição entre a determinação genética, por um lado, e a determinação psíquica, por

outro, os dois casos possuem a característica comum de poderem ser catalogados. Como exemplo, temos as fictícias monografias de Holmes e as ilustrações das “orelhas típicas” reproduzidas de pintores italianos<sup>3</sup>, de Morelli.

Mas é na aplicação do paradigma à teoria freudiana que nos vamos deparar com uma diferença mais profunda na natureza dos resultados das investigações, em relação aos dois outros métodos. No caso freudiano, não há uma possível catalogação de representações específicas que determinem um significado exclusivo.

Vamos ilustrar essa idéia. Holmes foi capaz de publicar uma monografia atribuindo características anatômicas a diversos tipos de orelhas, que, em seguida, eram classificadas em grupos consangüíneos. Morelli nos apresenta um catálogo de orelhas, identificando cada uma delas com um pintor específico. Quanto ao método freudiano, não é possível atribuir-se a um objeto investigado um significado exclusivo. Cada orelha sonhada, fantasiada, alucinada ou desejada por um sujeito terá um significado que só poderá ser encontrado no interior da sua subjetividade e esta associação entre representação e significação se torna ainda mais restrita, quando consideramos que o significado só poderá ser atribuído a um instante particular da sua vida, no qual a sua estrutura psíquica está organizada de uma maneira única e irreproduzível. Daí afirmarmos que o objeto alvo da investigação freudiana é o sujeito do inconsciente. Sujeito, cuja existência é pontual e fugaz.

É essa diferença da especificidade da relação entre o objeto representado e a sua significação única na teoria freudiana, contraposta à dos dois outros integrantes do paradigma indiciário, que a torna um exemplo peculiar da aplicação deste paradigma, requerendo, portanto, um exame particular.

---

<sup>3</sup> Essas ilustrações podem ser encontradas como parte integrante desse mesmo texto de Ginzburg, publicado sob o nome de “Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”, em ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. (Org.). *O signo de três*, São Paulo: Perspectiva, 1991.p. 92.

Para Ginzburg, há uma aproximação significativa entre o método freudiano de investigação e aquele de Morelli. Para ilustrar essa proximidade, ele nos apresenta um trecho de um texto de Freud, no qual este declara o seu conhecimento do método morelliano, aplicando-o na investigação de uma obra de arte. Essa aproximação, no entanto, apesar de, alguma forma, servir para ilustrar a teoria de Ginzburg, irá também, numa leitura mais aprofundada, possibilitar o estabelecimento das distinções fundamentais entre as características do uso do método indiciário entre os dois investigadores, determinando, assim, um fator diferencial importante na categorização da teoria freudiana no paradigma indiciário.

O texto em questão é “O Moisés de Michelangelo”, de 1914, que consiste numa análise da escultura em mármore de Moisés, executada por Michelangelo. O objeto investigado é uma obra de arte que afeta o analista de uma maneira especial. “Nunca uma peça de estatuária me causou impressão mais forte do que ela”, ele nos informa. Em seguida, cita diversos autores e suas reflexões sobre esta obra de Michelangelo, mostrando que poucas obras de arte foram tão julgadas e comentadas quanto esta estátua e a “[...]simples interpretação da figura deu origem a pontos de vista completamente opostos”(FREUD, 1976, v. 13 p. 255-256).

A representação de Moisés pelo escultor nos é, então, introduzida:

O Moisés de Michelangelo é representado sentado; o corpo volta-se para frente, a cabeça com a pujante barba olha para a esquerda, o pé direito repousa sobre o solo e a perna esquerda acha-se levantada de maneira que apenas os artelhos tocam o chão. O braço direito une as Tábuas da Lei a uma parte da barba, e, o esquerdo repousa sobre o colo. (FREUD, 1976, v.13, p. 256).

Depois de revisar uma vasta literatura sobre interpretações da estátua, Freud concorda com o fato de que ela representa Moisés com as Tábuas da Lei, instantes depois de perceber que o seu povo idolatrava o bezerro de ouro. Mas, ao contrário dos demais analistas, ele não considera que o Moisés representado esteja prestes a quebrar, furiosamente, as

Tábuas, mas, sim, que ele, num controle supremo, reprime as suas emoções, após quase ter sido dominado pela tentação de explodir num acesso de ira.

Para ilustrar a análise dessa sua hipótese, Freud encomendou a um artista gravuras que, segundo a sua opinião, representam o Moisés instantes antes daquele retratado por Michelangelo. Abaixo, podemos observar tais gravuras.



Fig. 1.



Fig. 2.



Fig. 3.



Fig. 4.

CONJUNTOS DAS FIGURAS (1, 2, 3 e 4) – Representações de Moisés com as Tábuas da Lei. Fonte: Freud (v. 13, p. 269-270).

A primeira delas é a representação de Moisés sentado, segurando as Tábuas verticalmente; na segunda, ele segura a barba com a mão que antes segurava as Tábuas, sustentando estas agora com a pressão do cotovelo contra o corpo; na terceira, Moisés é representado tal qual Michelangelo o esculpiu; a quarta é um detalhe da estátua, destacando a mão que segura a barba.

Para compreender a hipótese de Freud, temos que considerar que a primeira figura representa a maneira na qual Moisés, tranqüilamente, segurava as Tábuas, de forma invertida – isto é, a parte superior das tábuas estava para baixo, dando-lhe um maior apoio, pois o formato das Tábuas é de tal maneira que a parte inferior é reta, enquanto a superior possui uma protuberância em formato de chifre, capaz de impedir um eventual deslizamento da mão. A segunda ilustração representa o início da afetação de Moisés, no instante em que percebe o tumulto à sua esquerda. É então que sua ira se expressa pelo movimento corporal: olha furioso para a multidão, ao tempo em que sua perna esquerda inicia um movimento que intenciona a elevação do corpo, numa atitude que possibilitará uma maior vazão das suas emoções. Ao mesmo tempo, agarra a barba com força, direcionando para ela a sua ira e, ao fazer isso, quase deixa cair as Tábuas. Isto, então, o chama de volta para a sua missão divina, fazendo com que ele perceba que em suas mãos há algo mais importante do que a sua afetação e que esta necessita ser contida. Na terceira figura, que representa a estátua, vemos que ele apóia as Tábuas de volta no acento, para impedi-las de cair, mas, para fazê-lo, foi obrigado a trazer de volta a mão que segurava a barba, arrastando parte desta neste movimento. “Nessa atitude permaneceu imobilizado e foi nela que Michelangelo o retratou como guardião do túmulo”(FREUD, 1976, v. 13, p. 272).

Freud, discordando das demais interpretações quanto ao que seria a atitude desse Moisés, explica que não se trata do início da ação violenta, na qual Moisés quebrou as Tábuas da Lei, mas da representação de toda uma série de movimentos que, iniciados com um impulso de fúria, termina com uma postura de controle das emoções. “Moisés desejou agir, levantar-se, vingar-se e esquecer as Tábuas; mas dominou a tentação e permanecerá sentado e quieto, com sua ira congelada e seu sofrimento mesclado de desprezo” (FREUD, 1976, v. 13, p. 272).

Há uma razão, explica Freud, para que Michelangelo tenha querido representar um Moisés diferente daquele das escrituras. Esta razão encontra-se na natureza do seu relacionamento com o papa Júlio II, para cujo mausoléu esculpira esta estátua. O relacionamento entre o papa e o artista era de tal espécie, que a vida emocional deste último deveria ser repleta de sentimentos hostis em relação ao pontífice. Sentimentos estes que necessitavam ser reprimidos. Ao mesmo tempo, Michelangelo deveria nutrir uma grande vontade de que o papa pudesse ser mais comedido na sua fúria e que o tratasse de uma forma mais gentil. Um Moisés que, ao invés de dar vazão à sua ira, controla-se no instante crucial, representaria a realização da vontade do artista.

Para Freud, “Michelangelo esculpiu seu Moisés na tumba do Papa, não sem uma censura ao pontífice morto, mas também como uma advertência a si próprio, elevando-se, pois, através da autocritica, a um nível superior à sua própria natureza” (FREUD, 1976, v. 13, p. 276).

Michelangelo, portanto, não tinha a intenção de representar o Moisés da tradição. Ele criou o seu próprio Moisés. Freud chega a essa conclusão depois de efetuar uma investigação detalhada de diversas partes do Moisés de mármore. Esta investigação é efetuada, segundo suas próprias palavras, seguindo o método morelliano.

O seu conhecimento desse método é explicitado nesse texto. Antes de proceder a análise da estátua, Freud informa que leu o livro do crítico de arte, “[...]muito antes de ter tido qualquer oportunidade de ouvir falar em psicanálise”, no qual este insiste em que a atenção da análise da obra deve ser retirada da “[...]impressão geral e das características principais de um quadro, dando-se ênfase à significação de detalhes de menor importância, como o desenho das unhas, do lóbulo de uma orelha, de auréolas e de outras trivialidades, não consideradas[...]”(FREUD, 1976, v. 13, p. 264). Esses detalhes triviais são, à maneira de um lapso corriqueiro, desprezados pelos analistas das obras de arte, assim como pelos falsificadores e, por isso mesmo, assim como os atos falhos, eles se tornam importante para a investigação indiciária.

Para Ginzburg (2001, p. 148), esta apreensão do método morelliano por Freud, segundo a sua própria afirmação, “muito antes de ter tido qualquer oportunidade de ouvir falar em psicanálise”, configura-se num “elemento que contribuiu diretamente para a cristalização da psicanálise”.

Freud, de fato, afirma: “Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise que também está acostumada a adivinhar coisas secretas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou inobservados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações” (FREUD, 1976, v. 13, p. 264-265).

Essa declaração pode ser comparada a uma outra, emitida anos mais tarde, quando Freud explica, para uma platéia de estudantes de medicina, o método psicanalítico de investigação. Depois de expressar uma previsível crítica, por parte dos presentes, quanto a estarem perdendo tempo em assistir a uma explanação de algo tão trivial quanto a análise de atos falhos, Freud declara:

É verdade que a psicanálise não pode vangloriar-se de jamais haver-se ocupado de trivialidades. Pelo contrário, o material para sua observação é geralmente proporcionado pelos acontecimentos banais, postos de lado pelas



demais ciências como sendo bastante insignificantes – o refugio, poderíamos dizer, do mundo dos fenômenos. (Freud, 1976, v. 15, p.41).

Neste ponto, é natural que pensemos que Freud tenha-se inspirado nas suas próprias palavras ao descrever o método morelliano anos antes e que, talvez, este método tenha sido um grande inspirador daquele da investigação freudiana. O que importa aqui, entretanto, é o fato de que, seja qual for a dívida que Freud tenha para com Morelli, esta coincidência de métodos de trabalho, explicitada por Freud em seu texto sobre Michelangelo, aponta para uma semelhança muito próxima de metodologias no uso das investigações de indícios entre os dois pesquisadores. Este texto de Freud parece corroborar, como nenhum outro, para a tese de Ginzburg, implícita no seu ensaio, de que tanto Freud quanto Morelli partilham de forma idêntica do paradigma indiciário.

Antes de prosseguirmos com o exame da metodologia freudiana de análises de indícios, vamos examinar alguns aspectos presentes no texto de Freud sobre o Moisés de Michelangelo, que servem para percebermos certas *nuances* que entram em jogo quando se procede uma análise da natureza humana.

Há algumas distinções entre a aplicação do “método indiciário” em Freud e em Morelli. Começaremos por examinar as diferenças entre os seus objetos de estudo. Enquanto Morelli investiga a identidade física do artista, ainda que para isto examine traços de suas ações intelectuais, Freud examina esses traços para chegar à vida psíquica do seu autor. Enquanto um tem por objeto uma obra concreta, o outro lida com um material extremamente intangível. A sua ciência é, por excelência, humana.

Laville e Dionne (1999, p.33.) referem-se ao profissional das ciências humanas, comentando: “Se em ciências humanas, os fatos dificilmente podem ser considerados como coisas, uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, que são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras, é igualmente o caso do pesquisador: ele também é um ator agindo e exercendo sua influência”. O quanto um investigador, usando o método

freudiano, não estaria também interagindo com o resultado da sua investigação? Podemos efetuar um exame das possíveis influências sofridas por Freud, que podem ter afetado a sua análise da escultura de Michelangelo.

Ernest Jones (1989, v. 2, p. 364-365), na sua biografia de Freud, nos informa:

O *Moisés* foi escrito no mesmo mês que os longos ensaios em que Freud anunciava a seriedade das divergências entre as suas concepções e as de Jung e não há dúvida que na época ele se sentia amargamente desapontado com a defecção de Jung. Foi à custa de uma luta interna que conseguiu controlar suas emoções de maneira firme o suficiente para que pudesse dizer calmamente o que sentia que tinha que dizer. Não se pode evitar a óbvia conclusão de que nessa época, e provavelmente antes, Freud se havia identificado com Moisés e estava lutando para imitar a vitória sobre as paixões que Michelangelo retratara em sua grandiosa realização.

Além de Jung, havia nessa época, vários antigos adeptos da teoria freudiana que já tinham abandonado as trincheiras psicanalíticas, Adler, Stekel e seus amigos. Agora, os suíços juntavam-se à “turba apóstata”. Nesta época, Freud lutava contra as emoções que o afetavam nessa batalha contra os apóstatas, precisando manter inquebrantáveis as suas “Tábuas da Lei”. Podemos imaginá-lo contemplando a imagem de Moisés e meditando o quanto aquela postura se assemelhava à sua própria.

Muito pode ser dito sobre a neutralidade necessária à análise das questões psíquicas do outro. Aqui, entretanto, cabe apenas apontar para o fato de que uma investigação que tem como objeto a subjetividade interior de um sujeito lida com um material fundamentalmente diverso daquele investigado pelo analista de objetos físicos. O artista buscado por Morelli é de uma objetividade palpável. No caso de Freud, o seu Michelangelo é uma instância subjetiva cuja representação não poderá ser exposta ao exame de terceiros.

Embora se possa argumentar que o objeto de investigação de Freud, assim como o de Morelli, é a descoberta de uma identidade – neste caso, um Michelangelo particular, que em um determinado momento da sua vida alterou intencionalmente, em mármore, a figura do Moisés tradicional, por motivos nunca confessados –, há no objeto da análise freudiana um

aspecto que a distingue de uma investigação morelliana. Freud, ao analisar a estátua de Moisés, efetua uma investigação que, por mais que se aproxime de uma certeza, aparentemente jamais poderá ser confirmada, pelo fato de que Michelangelo não estava presente no momento da sua análise para afirmar a falsidade ou veracidade das suas conclusões. Porém, esta análise poderia ter sido efetuada em relação a uma estátua cujo escultor fosse contemporâneo de Freud e estivesse disposto a lhe falar da asserção ou não da sua conclusão. Nesta hipótese, poder-se-ia pensar que saberíamos, com segurança, do sucesso ou fracasso das suas hipóteses. Mas não se trata aqui de uma certeza tão precisa quanto aquela que aponta para a identidade do autor de uma obra de arte. Não há dúvida, por exemplo, de que Michelangelo é o autor de “Moisés”. Esta certeza nos é dada por uma identidade física, e instituída por um nome que a representa. Porém, no caso do Michelangelo de Freud, trata-se de uma entidade cuja existência não possui uma prova objetiva deste tipo. Embora a análise efetuada por Freud esteja à disposição de exame de terceiros e considerando a hipótese de que ela poderia ter sido feita sobre a obra de um artista seu contemporâneo, que se dispusesse a opinar sobre a asserção da conclusão da sua análise, a confirmação ou negação desta, pelo autor da escultura, poderia ser alvo de contestação de terceiros, devido a inúmeras razões.

Pode parecer, para aqueles menos familiarizados com a análise da psique humana, que a determinação de uma intenção consciente seja algo fácil de obter-se, ao menos, por parte daquele que a experimentou, mas, na realidade, a questão é bem menos indubitável do que parece à primeira vista. Muitas vezes, realizamos atos com determinadas intenções que mais tarde se tornam inteiramente estranhas para nós mesmos. Quem poderia lembrar-se retroativamente de todas as intenções que determinaram os seus atos, mesmo aqueles mais significativos?

Entre outras vicissitudes, uma intenção consciente do passado poderá associar-se a representações do inconsciente recalçado, à maneira de um ato falho, e desaparecer da

memória consciente. Isto resultaria em que, embora a lembrança da ação se mantivesse na consciência, a intenção que a produziu não conseguiria mais ser captada pela memória consciente. Através do fenômeno do deslocamento – presente na elaboração de todas as manifestações do inconsciente –, a intenção original poderá mesmo ter sido substituída por uma outra – mais compatível com os valores do eu – que será então considerada pela consciência como a verdadeira intenção. Além disto, as pessoas não sabem, muitas vezes, qual a sua “verdadeira intenção”. Muitas vezes, acreditamos estar fazendo algo com determinada intenção e, mais tarde, nos damos conta de que, “na verdade”, fizemos aquilo com outro propósito. Quando isto acontece, costumamos nos dizer: “percebo agora que, no fundo, o que eu queria era...”. O fenômeno do “deslocamento” exerce aí a sua tarefa, no próprio instante da ação, substituindo por uma idéia “mais nobre” as intenções, muitas vezes inconfessáveis, de determinados atos. “Inconfessáveis” mesmo para o próprio sujeito.

A evidência de uma postura subjetiva não pode ser obtida com o mesmo grau de certeza que aquele de uma identidade física.

Trata-se, portanto, de objetos de pesquisa diferentes, que produzem diferentes tipos de evidências. No caso de Morelli, uma evidência “palpável”, cuja asserção, depois de comprovada, torna-se “indiscutível”. No caso de Freud, uma evidência possível, que não possui a possibilidade de comprovação objetiva. Esta diferença na viabilidade de comprovação do resultado da investigação realizada por estes dois investigadores fará com que, para os dois, não haja a possibilidade dos mesmos tipos de repetição comprobatória das experiências.

Consideremos agora a natureza dos indícios que são examinados pelos três integrantes do paradigma indiciário. Para começar, consideremos aqueles de Morelli e os de Holmes. Ambos são fruto de atitudes inconscientes. Morelli segue a pista das pinceladas de um pintor, “que lhe escapam sem que ele se dê conta”, portanto, produzido de forma não

consciente pelo artista. O mesmo pode ser dito sobre as pistas deixadas no local do crime, que servem de indícios nas investigações de Sherlock Holmes. Os criminosos, é claro, em princípio, não têm consciência das pistas que deixam, caso contrário, as removeriam.

Se nos voltarmos agora para os indícios analisados por Freud no seu exame da estátua de Moisés, constataremos que ele, ao contrário dos outros dois, não seguiu pistas deixadas inconscientemente por Michelangelo. Ao contrário, o argumento de Freud neste texto é que, propositadamente, o escultor configurou uma representação de Moisés ao seu gosto. Michelangelo, silenciosamente, teria produzido uma obra artística que, para ele, fazia todo um sentido, mas que, aqui sim, permanecera fora da consciência de todos aqueles que a tinham apreciado, ao longo dos quatro séculos que se seguiram.

Se considerarmos a análise de Freud do Moisés de Michelangelo, temos que, se por um lado seus indícios, ao contrário daqueles de Morelli e Holmes, foram pistas deixadas conscientemente, o produto da sua investigação, contrariamente ao dos outros dois, é um sujeito abstrato, impossível de ser exibido materialmente.

Porém, é necessário que notemos que a análise que Freud efetua da estátua de Moisés não é de natureza psicanalítica, pois não é o inconsciente de Michelangelo que é investigado, mas sim a sua intenção consciente. Este é um texto de Freud atípico, talvez o único dedicado a uma intenção consciente. Quando se trata de uma investigação psicanalítica, cujo objeto de análise é desconhecido até pelo próprio sujeito analisado, a situação modifica-se completamente.

No caso de uma análise psicanalítica, os indícios examinados são as manifestações do inconsciente, material produzido fora do conhecimento consciente do sujeito. Considerando este tipo de investigação – o que excetua a análise efetuada da estátua de Moisés –, podemos dizer que, nos três tipos de investigação, os indícios são gerados por pessoas que não têm consciência do que fazem. Porém, nas investigações de Morelli e nas de

Holmes, estes indícios, além de possuírem uma consistência física, são utilizados para a obtenção do nome de uma pessoa corpórea, enquanto no caso de Freud a investigação é processada a partir de um indício abstrato e o resultado é um objeto que pertence ao mundo da não consciência. Além disso, há uma diferença fundamental entre os materiais que pavimentam as trilhas que levam dos indícios aos objetos alvos entre a investigação freudiana e a dos dois outros participantes do paradigma. Se, por um lado, para Morelli e Holmes suas investigações são pautadas no mundo físico, as de Freud penetram no interior da psique humana. Sua investigação, que começa no mundo conhecido – de sintomas neuróticos, sonhos e lapsos do dia-a-dia –, envereda por caminhos novos, nunca antes percorridos.

Isto nos leva à percepção de que, para compartilharmos com os resultados das investigações de Holmes, devemos seguir a seqüência lógica dos seus raciocínios, examinando, passo a passo, as suas inferências. Uma pista física, como uma pegada na lama ou as cinzas de um charuto encontradas na cena do crime, poderá, através de um encadeamento lógico, levar ao sujeito procurado. No caso de Morelli, as pinceladas dos artistas deixam pistas personificadas – negligenciadas por seus imitadores –, capazes de atestarem a real autoria da obra. São pistas, que ainda que físicas, foram elaboradas a partir das peculiaridades psíquicas dos homens que as forjaram. Entretanto, o caminho que é percorrido a partir destas pistas e que leva ao sujeito procurado, é tão físico e, por assim dizer, palpável quanto as pistas analisadas por Sherlock Holmes.

Nos dois casos, as pistas são seguidas em conformidade com o mundo físico e segundo teorias de funcionamento das leis da natureza, compartilhadas por todos. Portanto, as leis de funcionamento do mundo no qual as pesquisas de Holmes e as de Morelli são aplicadas, já se encontravam estabelecidas antes dos seus aparecimentos.

Por outro lado, para que as investigações freudianas sejam efetuadas, é necessária uma transformação na maneira pela qual enxergamos o mundo. Esta maneira é elaborada pelo

próprio Freud. Temos assim que, para julgar a asserção de uma investigação freudiana, é necessário que tomemos como correta a sua teoria do funcionamento da mente humana. Em outras palavras, estas investigações são realizadas num mundo cujas leis de funcionamento são estabelecidas pelo próprio investigador.

Por esta razão, concluímos que um exame epistemológico do método de investigação freudiana, terá que ser feito em diferentes moldes daqueles que abordariam os dois outros componentes do paradigma.

A seguir examinaremos os aspectos característicos da investigação indiciária freudiana. Começaremos por analisar a natureza dos indícios que servem de ponto de partida destas investigações.

## 2 OS INDÍCIOS

Nas investigações freudianas, os indícios são aquilo que denominamos, neste trabalho, de “manifestações do inconsciente”, derivado do termo freudiano “sonho manifesto”, como é nomeado o sonho na forma em que é manifestado na consciência, após os pensamentos latentes – inconscientes – terem sido transformados pela “elaboração onírica”.

As manifestações do inconsciente são os atos falhos, os sonhos e os sintomas neuróticos. Cada uma destas manifestações possui particularidades próprias, porém partilham, entre si, características comuns, o que possibilita que sejam analisadas com procedimentos semelhantes.

A maneira pela qual esses indícios se originam é através de uma conciliação – ou, como freqüentemente se denomina, “formação de compromisso” – entre o desejo inconsciente, que “empurra” as representações recalcadas para a consciência, e a censura do “eu”, que procura impedir o afloramento consciente destas representações. Como resultado, surge na vida consciente uma estrutura que satisfaz apenas parcialmente às duas instâncias em conflito. As manifestações do inconsciente são, portanto, um tipo de representação, por assim dizer, disfarçada. Em outras palavras, elas são metáforas das representações recalcadas, impedidas de assomarem à consciência no seu estado bruto.

Nas expressões artísticas, podemos encontrar metáforas, alegorias ou símiles que servem, às vezes, para burlar censuras legais, retratando representações proibidas de uma maneira figurativa, tal como se dá com a manifestações do inconsciente. Para citar um exemplo conhecido, tomemos o filme de Hitchcock, "Intriga Internacional". No seu desenlace, quando Cary Grant e Eve Marie-Saint estão num trem, próximo ao final feliz, o diretor corta para a última cena, hoje clássica: o trem entrando num túnel, tornando escura toda a tela. Esta cena, que simboliza o ato sexual entre os dois, algo inteiramente interdito de



ser explicitado à época, é o efeito de uma associação de idéias por similaridade, que, pela metáfora que constrói, torna a cena uma poesia celebrada em inúmeras resenhas desse filme.

O efeito metafórico das manifestações do inconsciente analisadas por Freud é também constatável em diversas passagens da sua obra. O trabalho de análise consiste exatamente em, a partir dessas metáforas, chegar-se às idéias por elas representadas.

Neste ponto, passaremos a examinar cada um dos três tipos de manifestação do inconsciente.

## 2.1 SONHOS

É muito conhecida a afirmação freudiana de que os sonhos são a via régia para o inconsciente. Este fenômeno talvez seja aquele em que se possa examinar mais detidamente a natureza do indício que serve de base para Freud nas suas investigações. Além de ter sido estudado mais a fundo do que os atos falhos, e ter sido com esse trabalho que Freud lançou as bases da sua teoria da mente, “[...] o sonho oferece sobre a neurose duas vantagens decisivas, do ponto de vista da serventia como instrumento de investigação do aparelho psíquico: é incomparavelmente mais simples, e ocorre com todo mundo [...]” (MEZAN, 1989, p. 77).

Nosso maior interesse recai sobre o exame desta manifestação do inconsciente do que nas duas outras, por nela encontrarmos mais ilustrativamente o tipo de transformação pela qual passa uma representação inconsciente recalcada para que, através de um acordo com a censura do “eu”, seja permitida manifestar-se na consciência.

Os sonhos foram introduzidos por Freud como material digno de atenção científica no seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, publicado em novembro de 1899. Esta publicação, que recebeu a data editorial de 1900 – provavelmente para inserir-se no novo século que se avizinhava –, “[...] teve uma tiragem de 600 exemplares, que levaram 8 anos

para serem vendidos[...]" (JONES, 1989, v. 1, p.361), o que pode dar-nos uma idéia da lentidão que caracterizou o ingresso da teoria freudiana da mente no mundo.

Freud escolheu como epígrafe desse seu livro uma frase da *Eneida* de Virgílio: "Flectere, si nequeo superos, acheronta movebo" [se não posso dobrar os deuses, transporei os reinos do inferno]. Frase esta que, já há alguns anos, o instigava, como adequada para aplicar-se à tendência de retorno das representações recalçadas. De fato, três anos antes ele pretendeu usá-la "[...]como epígrafe para o capítulo sobre "A Formação de Sintomas", de um projeto do livro sobre psicologia da histeria" (JONES, 1989, v. 1, p. 361).

Segundo Ginzburg (2001, p. 150), "[...] Morelli também poderia apropriar-se do lema virgiliano caro a Freud [...]". Podemos pensar que aquela frase pode ser "apropriada" por todos os que lidam com a idéia de análise de pequenos detalhes que insistem em mostrar que algo importante está escapando aos olhos da maioria. De uma certa maneira, ela poderia ser o lema do paradigma indiciário.

No seu "livro dos sonhos", Freud lança as bases da sua teoria da mente, mostrando que este fenômeno mental, que ocorre quando dormimos, é uma manifestação dos pensamentos inconscientes recalçados que afloram à consciência – ainda que de maneira disfarçada – graças ao abrandamento da censura do "eu" que relaxa sua vigilância durante o sono. Este relaxamento da vigilância ocorre devido à desativação da função motora, que diminui os riscos da emergência dos desejos inconscientes. Embora abrandada, a censura continua em funcionamento e, por isto, os pensamentos inconscientes só têm a sua admissão liberada na consciência em forma de "mensagens cifradas". Estas "mensagens cifradas", que são os sonhos na forma em que se manifestam em nossa consciência, são denominadas de "conteúdo manifesto", em contraposição ao "conteúdo latente", ou "pensamento latente", originado no inconsciente, causador do sonho e possuidor do todo o seu significado.

A argumentação de Freud é que toda abordagem feita em relação aos sonhos, antes dele, tinha sido na tentativa, quando muito, de interpretá-los a partir do conteúdo manifesto. Ele, ao contrário, introduz um elemento novo nesta questão: os pensamentos inconscientes, dos quais não temos conhecimento, mas que regem a nossa vida psíquica e são responsáveis, entre outras coisas, pela produção do material com os quais os sonhos são elaborados.

Freud (1976, v. 4, p. 295) informa-nos que, agora, “[...] estamos, portanto, diante de uma nova tarefa que não tinha existência prévia, ou seja, a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes [...]”. Mas também podemos, pela primeira vez, como corolário, desvendar o fenômeno, denominado de “elaboração onírica”, que transforma os pensamentos recalcados e, por conseguinte, proibidos de assomarem à consciência, em sonhos manifestos. Estes possuem a característica de serem tão confusos e absurdos que, à primeira vista, não fornecem nenhum traço de conexão com os pensamentos que os originaram.

Freud, então, traça um paralelo entre o sonho manifesto e um rébus – ou uma “carta enigmática”.

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeça feito de figuras, um rébus. Ele retrata uma casa com um barco no telhado, uma letra solta do alfabeto, a figura de um homem correndo, com a cabeça misteriosamente desaparecida, e assim por diante. Ora, eu poderia ser erroneamente levado a fazer objeções e a declarar que o quadro como um todo, bem como suas partes integrantes, não fazem sentido. Um barco não tem nada que estar no telhado de uma casa e um homem sem cabeça não pode correr. Ademais, o

homem é maior do que a casa e, se o quadro inteiro pretende representar uma paisagem, as letras do alfabeto estão deslocadas nele, pois esses objetos não ocorrem na natureza. Obviamente, porém, só podemos fazer um juízo adequado do quebra-cabeças se pusermos de lado essa crítica da composição inteira e de suas partes, e se, em vez disso, tentarmos substituir cada elemento isolado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de um modo ou de outro. As palavras assim compostas já não deixarão de fazer sentido, podendo formar uma frase poética de extrema beleza e significado. O sonho é um quebra-cabeça pictográfico desse tipo, e nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor. (FREUD, 1976, v. 4, p. 295-296).

Esta declaração, que só aparece no sexto dos sete capítulos do “livro dos sonhos”, pode servir de uma introdução à nova maneira freudiana de enxergar os sonhos como processo mental. Resta-nos agora examinar a maneira pela qual os pensamentos latentes são transformados em sonhos manifestos, pela elaboração onírica.

“Sonhos analisam-se como a um rébus”. Nesta afirmação, há uma boa forma de percebermos a *nuance* da particularidade que corresponde ao tipo de investigação freudiana. A chave do enigma a ser desvendado encontra-se no interior da psique do sujeito investigado. Se levarmos adiante a analogia do sonho com o rébus, podemos tirar algumas conclusões.

Ao nos defrontarmos com a figura do Sol ao lado da figura de um dado, num exemplo clássico de um rébus, podemos formar a palavra “soldado”, que nos anuncia o significado de um profissional da guerra. Porém, se, diante da figura de um gato, seguida daquela de uma jarra, tentarmos montar a palavra “gatojarra”, não chegaremos a nada. Estaríamos incorrendo num erro similar ao de um francês que tentasse traduzir as duas primeiras figuras para “soleildé”, que não significa nada<sup>4</sup>. Precisaríamos, antes de mais nada, saber em que língua o rébus tinha sido elaborado. No francês – a língua desse rébus –, um gato, seguido de uma jarra, *chat pot*, pronuncia-se como *chapeau*, que significa “chapéu”. É este o significado deste último rébus.

---

<sup>4</sup> Porém, poderia significar algo diferente, ou, ainda, significar a mesma coisa, mas isto seria por puro acaso.

Percebemos desta forma que, para extrairmos o sentido de um rébus, é necessário saber em que língua ele foi elaborado. A palavra “elaborado” não está sendo repetidamente usada aqui sem um propósito. Pretendemos atentar para a similaridade entre a elaboração de um rébus e o trabalho de “elaboração onírica”, que transforma os pensamentos inconscientes em sonhos manifestos.

Para que possamos extrair o sentido de um sonho, é preciso, primeiramente, conhecer em que língua cada elemento que o compõe foi elaborado. A única pessoa apta para nos fornecer a chave da tradução de cada componente do sonho em um significado, capaz de estruturar a tradução do conteúdo onírico no pensamento latente que o originou, é o sonhador. Se mantivermos o exemplo do rébus como metáfora do sonho, poderemos imaginar um mundo no qual cada língua possua apenas um indivíduo que a entenda. Desta forma, cada rébus só possuiria significado para apenas uma pessoa. Assim, o único entendedor de português levaria o rébus composto de um “Sol” e um “dado” para o “analista de rébus”, e, numa língua comum aos dois, o analista lhe perguntaria: “o que cada uma dessas figuras significa para você?” e diante da resposta: “sol” e “dado”, deveria perguntar, então, “o que ‘soldado’ significa?”. Esta é uma forma alegórica de como se deve processar, de acordo com a teoria freudiana, uma interpretação de sonhos.

A melhor maneira de examinarmos a relação que existe entre os pensamentos latentes e os sonhos manifestos e inspecionarmos o método freudiano de interpretar os sonhos é examinando o tratamento que ele dá a um sonho para extrair-lhe o seu significado.

Freud sonhou o seu primeiro sonho analisado, conhecido como “O sonho da injeção de Irma”, em 1895, enquanto descansava, de férias, num chalé nos arredores de Viena. Dele, Freud “[...] conseguiu fazer a primeira análise sistemática, ou detalhada – não se pode dizer completa –, de um de seus sonhos particularmente complicado e obscuro”(MANNONI, 1993, p. 72).

A seguir, o conteúdo manifesto desse sonho:

Um grande salão – numerosos convidados a quem estávamos recebendo. – Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.” Respondeu ela: “Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.” — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.” Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apesar do vestido)... M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.”... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa. (FREUD, 1976, v. 4, p. 115).

Irma era uma paciente de Freud, mas também amiga de sua família. Ela possuía os sintomas histéricos de ansiedade e de perturbações corporais. Na época do sonho, a ansiedade tinha passado, porém alguns sintomas corporais persistiam. Nesse período, Freud ainda considerava que uma análise chegava ao seu fim quando ele relatava para o paciente a razão dos seus sintomas. A análise de Irma terminara com um sucesso parcial, pois Freud havia proposto uma “solução” para a paciente, que esta não aceitou. No dia anterior ao sonho, Freud recebeu a visita do seu amigo, também médico, Otto, que estivera recentemente com a família de Irma. Freud, então, perguntou-lhe como a tinha achado. A resposta de Otto, pelas palavras e pela expressão facial, soa para Freud como uma reprovação da sua maneira de conduzir o

tratamento de Irma. À noite deste mesmo dia, Freud escreveu o relato do caso de Irma para submetê-lo ao Dr. M., um médico experimentado, a quem Freud confiava alguns de seus casos.

Deve-se dizer, de antemão, que Freud interpreta este sonho apenas parcialmente. Ele detém-se diante de uma análise mais aprofundada, afirmando que o sonho era por demais íntimo para que se pudesse analisá-lo completamente. Concluímos disto que boa parte da análise deste sonho, talvez a mais importante, tenha ficado fora desse escrito por razões de sigilo. Como consequência, ao longo desses cento e dez anos que nos separam dessa noite em que este sonho visitou Freud, inúmeros analistas têm-se lançado à tarefa, pouco discreta, de acrescentar suas interpretações àsquelas de Freud.

Aqui, examinaremos a análise, ainda que parcial, que Freud dedicou ao seu sonho. Como um rébus, ele foi analisado por partes, para compor um todo.

*a) Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo.*

A casa onde Freud se hospedava e teve o sonho era grande e possuía largos salões. Aproximava-se o dia do aniversário da sua esposa e Irma era esperada entre os convidados.

*b) No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha “solução”. Disse-lhe: “Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua.”*

Freud, na ocasião, tinha, sobre o tratamento psicanalítico, o ponto de vista mencionado acima, embora, mais tarde, tenha reconhecido o seu erro. Ele dirige estas palavras a Irma, com ansiedade, procurando culpá-la pelo que ela sentia.

- c) *“Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isto está me sufocando.”*

Esta não era uma queixa da Irma factual.

- d) *Parecia pálida e inchada*

Este não era o estado que Irma apresentava normalmente. Freud começa a suspeitar que a figura sonhada representava mais de uma pessoa, entre elas, sua esposa, que, numa certa ocasião, parecera inchada. Aqui Freud nos informa que não gostaria de ter a esposa como paciente, pois, sendo retraída, não seria suficientemente acessível. O motivo da sua presença no sonho, portanto, deveria ser outro, que não fora informado por Freud.

- e) *Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico.*

Aqui, Freud identifica o seu desejo de que tivesse havido, para este caso, um diagnóstico errado. Se Irma tinha problemas orgânicos, então a culpa da persistência da doença não era dele, que a tratava da histeria.

- f) *Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistências, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo.*

Neste ponto, as associações com outras figuras femininas do relacionamento de Freud começam a evidenciar-se: uma governanta a quem ele havia examinado a garganta e que era bem mais acessível do que Irma; uma amiga de Irma, que, numa certa ocasião, ocupara um lugar semelhante junto a uma janela, por quem Freud nutria simpatias e que, confessadamente, gostaria de ter como paciente. Ela, na fantasia de Freud, teria sido mais sensata do que Irma e teria aceitado a sua solução. Também teria “aberto a boca” e contado



mais sobre suas questões, do que Irma. Esta moça era paciente do Dr. M. e este falou para Freud que ela tinha um membrana diftérica. Esta doença remete-o para a sua filha.

*g) descobri uma grande placa branca; em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas*

A placa branca faz lembrar difterite, uma grave doença que acometeu a filha mais velha de Freud. Mas faz lembrar também a preocupação com o seu próprio estado de saúde, devido ao hábito de ingestão de cocaína. Por associação, lembra-se de quando recomendou para um amigo a utilização dessa droga num tratamento e, por conseqüência, apressou a sua morte.

*h) Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou...*

O “imediatamente” o remeteu a uma ocasião em que havia solicitado a ajuda urgente desse médico amigo, quando se deparou com o estado grave de uma paciente a quem houvera receitado um remédio, na época tido como inócuo, mas que mais tarde foi decretado como altamente tóxico, e cujas doses repetidas a tinham colocado num “grave estado tóxico” que acabou por matá-la. Esta paciente possuía o mesmo nome da filha mais velha de Freud.

*i) O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado...*

A palidez era uma característica recente, própria do Dr. M., porém as duas outras tinham que ser conferidas a outra pessoa. Freud as associou com o seu irmão mais velho. Lembrou, então, que tinha “[...] razão semelhante para estar mal-humorado com cada um deles: ambos haviam rejeitado certa sugestão, que, não havia muito, fizera-lhes”FREUD, 1976, v. 4, p. 120).

*j) ... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: “Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda.”*

O amigo Leopold era médico, especializado no mesmo ramo que Otto, e ambos tinham trabalhado como assistentes de Freud. Cenas desse tipo aconteciam quando os três trabalhavam num hospital de crianças. Otto era sempre rápido no exame e no diagnóstico, enquanto Leopold, mais detalhista, era mais demorado, mas acabava descobrindo *nuances* da doença que haviam escapado ao outro. A comparação entre os dois soa para Freud como aquela entre Irma e a amiga, que ele considerava mais prudente do que ela. A “área surda bem abaixo à esquerda” remetia a um caso em que Leopold havia surpreendido Freud pela sua meticulosidade.

*k) Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada.*

Isto remete a um reumatismo no próprio Freud.

*l) ... apesar do vestido.*

No hospital era usual examinar as crianças despidas. Isto faz um contraste com a maneira pela qual Freud examinava suas pacientes adultas. O desejo que aqui se encerra fica “oculto”. Freud nos comunica: “[...] francamente, não tenho desejo de penetrar mais profundamente neste ponto”(P. 122).

*m) M. disse: “Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobrevirá uma disenteria, e a toxina será eliminada.”...*

A paciente tinha tido uma difterite. Por ocasião da doença da filha mais velha, Freud teve uma discussão sobre difterite e difteria. Freud precisava consolar-se devido ao fato de, no início do sonho, ao deslocar a doença da área psíquica para a orgânica, haver inventado

uma doença grave demais para Irma. Agora, necessitava de uma certeza de que tudo ficaria bem no final. A “disenteria” remete Freud a um paciente de alguns meses antes, que tinha sido diagnosticado como um caso de anemia por outros médicos. Freud reconhecera os sintomas de histeria mas não quis tomá-lo em tratamento e lhe recomendou uma viagem marítima. O paciente teve problemas durante a viagem e lhe foi diagnosticado “disenteria”. Freud percebeu que aquele era um diagnóstico equivocado, ao mesmo tempo em que se culpou por ter colocado o paciente numa situação em que poderia ter contraído algum mal orgânico, além da desordem intestinal histérica. “[...] Além disso, ‘disenteria’ não soa muito diferente de ‘difteria’ [em alemão, menos ainda do que em português], palavra de mau agouro que não ocorreu no sonho”(p. 123). Para Freud, isto soou também como uma zombaria ao Dr. M., pois estava associada a uma história depreciativa que este havia contado sobre outro médico que usara estas palavras, “não tem importância”, num caso grave.

Esta parte do sonho expressa desprezo pelos médicos que ignoram a histeria. O Dr. M., assim como Irma, não concordava com a “solução” de Freud.

***n) Tivemos também pronta consciência da origem da infecção.***

Um conhecimento “notável”, pois a infecção só havia sido notada por Leopold.

***o) Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção.***

Otto havia contado a Freud na noite que antecedeu ao sonho que, quando esteve de visita à família de Irma, fora chamado para aplicar uma injeção a um paciente. A menção a esta ocorrência faz com que Otto e injeção se associem, tornando a injeção uma representação de Otto. Esta injeção, mais uma vez, fez lembrar também o amigo que morrera por injeção de cocaína.

***p) Um preparado de propil, propilos... ácido propiônico...***

Na noite do sonho, Freud e a esposa haviam aberto uma garrafa de licor, presente de Otto, e ela estava estragada, com odor de álcool amílico (amil...), o que, por associação, lhe ocasionou a lembrança de uma série similar: propil, metil etc.

**q) *trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres).***

A fórmula impressa em caracteres fortes dá ênfase a este ponto. Anos antes, Freud havia conversado com seu amigo Fliess sobre o fato de essa substância ser um dos produtos do metabolismo sexual. Portanto ela é uma alusão à sexualidade. Tanto Irma quanto a sua amiga eram viúvas jovens e desejáveis. Esta fórmula, que, por associação, representa “sexualidade”, funciona como um determinativo na escrita hieroglífica, fazendo entender que o sonho tem este tema como *leitmotiv*.

**r) *Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada***

Aqui estão reunidos fatores que poderiam culpar Freud por má prática clínica, mas também que o desculpam disto. Otto é culpado pela aplicação impensada da injeção. Freud não sabia que a cocaína seria injetada no amigo, ao qual recomendou o uso. O sonho serve para afastar a sua culpa por essa morte, que o deixou muito afetado: ele havia recomendado a cocaína, mas não por injeção.

Mais uma vez, a paciente que morrera por dosagem do remédio tóxico, também aparece como uma preocupação.

**s) *E, provavelmente, a seringa não estava limpa.***

Sem dúvida, mais uma acusação contra Otto, originária, porém, de uma outra fonte. Dias antes, Freud havia-se encontrado com o filho de uma paciente a quem, tempos antes, tinha que aplicar uma injeção de morfina duas vezes ao dia. Na ocasião do encontro, ela

estava no campo e o filho lhe informara que sofria de flebite, ocorrendo a Freud que o motivo deveria ter sido uma inflamação provocada por uma seringa suja. Ele sentia-se orgulhoso de sempre verificar o estado de limpeza das seringas e nunca ter provocado uma infiltração. A flebite, mais uma vez, o remete à sua esposa que sofrera de trombose tempos antes. Agora, são três situações, envolvendo sua esposa, Irma e a paciente morta.

Neste, como nos outros exemplos de sonhos do próprio Freud, há uma limitação na extensão da análise, de forma que, embora o sonho manifesto seja totalmente expresso, a sua decodificação no pensamento latente que o originou é sempre parcial. Aqui, Freud justifica-se, dizendo que não pode ir mais adiante na interpretação sob o risco de penetrar fundo demais na sua privacidade. Para Mannoni (1993, p. 72), “[...] a análise da injeção de Irma se detém exatamente no momento em que Freud nos disse o suficiente para que compreendamos que sua própria mulher estava em jogo [...]”.

Tomando como base o que diz Freud na sua comparação entre o sonho e o rébus, e considerando os principais efeitos da elaboração onírica sobre os pensamentos latentes, na transformação destes em sonho manifesto, podemos agora examinar a presença deste fenômeno, responsável pela codificação das representações inconscientes em uma mensagem aparentemente tão desprovida de significação, como um sonho.

Um dos trabalhos da elaboração onírica é a “condensação”, que consiste em reunir várias representações do pensamento latente em uma única figura do sonho manifesto. No sonho da injeção de Irma, ela é uma figura coletiva deste tipo. Reúne algumas características que lhe são próprias, mas sua posição perto da janela a faz representar também sua amiga a quem Freud intimamente preferia como paciente. A membrana diftérica que ela apresenta remete à filha de Freud e à angústia deste em relação a esta doença. “[...] No curso ulterior do sonho, a figura de Irma adquiriu ainda outros significados, sem ocorrer qualquer alteração no quadro visual no sonho [...]” (p. 312). Irma transforma-se numa das crianças

examinadas no hospital infantil, quando os caracteres contrastantes de Otto e Leopold se evidenciam. A figura da filha de Freud foi o próprio elo encadeador desta transição. A patologia encontrada na boca de Irma liga-a ao próprio Freud – era ele ali, sendo examinado - e, por associação, a seu amigo morto.

Neste mesmo sonho, “disenteria” condensa duas idéias. Primeiro, devido a sua similaridade fonética com difteria, ela evoca a doença da filha e, além disso, conecta-se com o paciente encaminhado para a viagem marítima.

Há também neste sonho uma condensação peculiar que lembra um ato falho dentro de um sonho: a palavra “propilos”. O que estava presente no pensamento latente era “amilos”. Freud, já desperto, no processo de análise do sonho, quando se concentrou na palavra “propilos”, percebeu que vinha, à sua lembrança, “propylaea”, um pórtico, de modelo ateniense, construído em Munique. Isto o remeteu a uma visita, um ano antes, a seu amigo Fliess, o mesmo da fórmula da “trimetilamina”, que se encontrava muito doente. O amigo Fliess era uma ilha no isolamento teórico de Freud. À época do sonho, ele estava presente com muita freqüência nos seus pensamentos. Deveria haver, já aí, todo um sentimento ambíguo, por parte de Freud, que o levaria a romper, alguns anos mais tarde, esta amizade, de maneira tempestuosa.

A figura do Dr. M., claudicante e de barba feita, é o resultado de uma condensação deste médico com o irmão mais velho de Freud.

A condensação é um fenômeno muito presente nos sonhos e toda manifestação desse tipo encontra-se repleta dele. Os sonhos manifestos, desta forma, são sempre uma versão codificada e sintetizada dos pensamentos inconscientes que lhes dão origem.

Uma outra expressão do trabalho da elaboração onírica é o fenômeno do deslocamento, muito presente nos sonhos, mas que está também presente nas demais

manifestações do inconsciente. Além disso, ele também pode ser observado na vida psíquica consciente, nas ações do dia-a-dia, na atitude de uma pessoa afetada negativamente por alguém a quem não pode enfrentar e que desloca a sua ira para uma outra, mais vulnerável, descarregando, nela, a sua raiva. Este é um exemplo de deslocamento do afeto de uma representação proibida (de confrontação) para uma outra cuja descarga desse afeto “é permitida”. Por assim dizer, dá-se aí a realização parcial de um desejo impossível de ser realizado pelas vias normais.

Nos sonhos, esse fenômeno faz com que representações compatíveis com os valores conscientes apareçam carregados de afetos que, na realidade, pertencem a outras representações, que estão, porém proibidas de aparecer na consciência associadas a tais afetos.

Freud cita o sonho da injeção de Irma como um exemplo em que tal deslocamento não está presente. Ele nos diz que seus “[...] elementos eram capazes de reter, durante o processo de construção do sonho, o lugar aproximado que ocupavam nos pensamentos oníricos [...]” (p. 326). Sabemos, entretanto, que Freud evita aprofundar-se na análise deste sonho, e o tema “sexualidade”, que o perpassa, é tratado com muita reserva. Freud chega a mencionar o “umbigo do sonho” numa nota de rodapé sobre a análise que efetua da sua inclinação afetiva pela amiga de Irma. Ele desculpa-se:

Tive a sensação de que a interpretação dessa parte do sonho não foi levada bastante longe para tornar possível acompanhar todo o seu significado oculto. Se tivesse seguido meu confronto entre as três mulheres, isso me teria conduzido muito longe. – Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável – um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido. (FREUD, 1976, v. 4, p. 119, n.2).

De fato, este “umbigo” teoricamente refere-se à parte do sonho que faz fronteira com o incognoscível, um umbigo, por assim dizer, que liga as representações a uma exterioridade irrepresentável. Porém, quando fala aqui sobre o umbigo, Freud refere-se a uma

sensação de que nessa “parte do sonho” faltou análise. O confronto entre as três mulheres o levaria “muito longe”, mais longe do que seria prudente ir em tais exposições públicas. Aqui, Freud prefere aludir ao ponto no qual todo sonho é insondável – o que nos soa fora de contexto –, embora, mais adiante, vá referir-se a lacunas presentes na interpretação deste sonho, afirmando:

Não tenho a pretensão de haver desvendado por completo o sentido desse sonho, nem de que sua interpretação esteja sem lacunas. Poderia dedicar muito mais tempo a ele, tirar dele outras informações e examinar novos problemas por ele levantados. Eu próprio conheço os pontos a partir dos quais outras linhas de raciocínio poderiam ser seguidas. Mas as considerações que surgem no caso de cada um de meus próprios sonhos me impedem de prosseguir em meu trabalho interpretativo. Se alguém se vir tentado a expressar uma condenação apressada de minha reticência, recomendo-lhe que faça a experiência de ser mais franco do que eu. (FREUD, 1976, v. 4, p. 129-130).

A questão sexual, envolvendo, entre outras, a sua esposa, está presente e é evitada. Pelas reticências contidas nas análises das personagens femininas, que se aglutinam em torno da representação “Irma”, percebemos que algumas delas estão envolvidas com o tema “sexualidade”. Porém, a representação de tal tema é deslocado para uma fórmula química, que, como tal, não inspira nenhum afeto deste tipo.

Numa outra situação deste mesmo sonho, Irma, ao ser examinada perto da janela, representa uma outra moça que parece possuir toda uma carga afetiva para Freud, porém ele recusa-se a “ir mais longe” nas interpretações das associações a ela ligadas. Estamos diante de uma representação de alguém, cuja carga afetiva é significativa, mas cuja representação – Irma junto à janela – é destituída deste afeto.

Vejamos agora um exemplo, citado por Freud, de deslocamento de afeto entre os pensamentos latentes e o sonho manifesto. Este sonho – de uma paciente – lhe foi apresentado como uma contestação à sua teoria de que sonhos sempre representam um desejo oculto.



Esta paciente, “uma moça de pouca idade”, sonhara com o filho da sua irmã, num caixão funerário. De fato, sua irmã possuía dois filhos, mas um deles havia morrido ainda pequeno, sobrando apenas este, representado morto no sonho (FREUD, 1976, v.4, p. 162).

A jovem tinha-se apaixonado por um amigo da irmã, sem ser correspondida. Havia perdido contato com este homem e a última vez que pôde vê-lo foi durante uma visita dele à casa da sua irmã, por ocasião do velório do filho desta. Freud identifica o desejo da jovem de rever o seu objeto de paixão, na representação onírica da vigília fúnebre do segundo filho de sua irmã.

A paciente não sentira “dor nem pesar” ao ver o segundo sobrinho morto no sonho. A razão disto é que o sonho “[...] disfarçava seu desejo de ver mais uma vez o homem por quem estava enamorada e seu afeto tinha que estar de acordo com o desejo e não com o disfarce. Dessa maneira não havia ocasião para pesar [...]”. (FREUD, 1976, v.5, p. 495).

Voltando ao exemplo da fórmula da triletilamina no sonho de Irma, Freud também não foi afetado diante da sexualidade que perfazia o conteúdo deste sonho, devido ao fato de que ela fora deslocada para uma fórmula química anódina.

O terceiro tipo de trabalho realizado pela elaboração onírica é aquele que transforma pensamentos em imagens. Sonhos são como um filme mudo que não usasse o recurso de colocar na tela algumas das falas ou idéias dos personagens. Como eles conseguem representar figurativamente as idéias contidas nos pensamentos latentes?

A elaboração onírica “[...]dentre os vários pensamentos subsidiários ligados aos pensamentos oníricos essenciais, dá preferência àqueles que admitem representação visual [...] – mesmo uma que seja menos usual –, contanto que este processo facilite a representação[...]” ( v. 5, p. 366). No sonho da injeção de Irma, a representação desta sendo examinada junto à janela, simboliza sua amiga, porque ela foi vista por Freud, sendo

examinada neste local e, de todas as associações possíveis de serem realizadas para representá-la, esta foi escolhida pela facilidade de figuração. Mas, nesta mesma representação, o abrir a boca para Freud expõe a idéia de que ela seria uma melhor paciente do que Irma. De todas as possibilidades que poderiam representar o fato de ela ser “uma melhor paciente”, foi escolhida a característica de “abrir a boca” em análise, por sua melhor facilidade de representação pictórica. Da mesma forma, a escolha da representação da sexualidade recaiu sobre uma substância, produto do metabolismo sexual, por ser esta uma condição mais facilmente representável em forma de imagem. Isto explica também a razão de os sonhos, assim como as demais manifestações do inconsciente, apresentarem-se tão metafóricos.

O quarto e último tipo de trabalho da elaboração onírica é a “elaboração secundária” ou “consideração de inteligibilidade”. Esta é uma função que fará com que percebamos “[...]que nem tudo que está contido num sonho decorre dos pensamentos oníricos, mas que pode haver contribuições para seu conteúdo advindas de uma função psíquica que é indistinguível de nossos pensamentos de vigília[...]

(v. 5, p. 523). Este trabalho é uma espécie de tentativa de verossimilhança que, num segundo momento do sonho, age sobre o produto dos demais mecanismos – que transfiguraram o pensamento latente em sonho manifesto –, para tentar supri-lo com uma possível coerência. Funciona como quando, na vida desperta, nos deparamos com qualquer conteúdo perceptivo que nos é apresentado. “[Entendemos] esse conteúdo com base em certas representações antecipatórias e o ordenamos, já no momento de percebê-lo, segundo a pressuposição de que seja inteligível; [...]”(v. 5, p. 705). Algo que acontece muito quando escutamos alguma coisa sendo dita numa língua estrangeira. Antes que possamos perceber do que se trata, damos a alguma parte do discurso entreouvido um sentido em nossa língua, num esforço de entendimento. Nem todos os sonhos, entretanto, passam com o mesmo grau de intensidade por esta elaboração. Alguns conservam o caráter confuso e caótico, resultado bruto dos demais trabalhos da elaboração,

outros, porém, são por este fenômeno tão elaborados que se tornam sonhos “bem construídos”. Esta construção, entretanto, não ajuda o trabalho de interpretação. Este terá que ser feito após a desconstrução, por assim dizer, do caráter coerente do sonho manifesto, deixando o conteúdo do sonho tão “sem sentido” quanto seria, caso esta elaboração não fosse efetuada. De fato, “[...] o sentido que o sonho adquire por efeito dessa elaboração secundária é, [...] enganoso; na verdade, está bastante afastado do verdadeiro significado do sonho”(GARCIA-ROZA, 1993, p. 107). Para uma ilustração disto, podemos citar a anedota do indivíduo conhecedor apenas da língua portuguesa, que ao entrar no elevador, num país de língua inglesa, querendo ir para o térreo, anunciava sempre ao ascensorista: “Dona Ester” e era atendido no seu desejo. Para entendermos como isto se processava é preciso que eliminemos a “consideração de inteligibilidade” que há em tal expressão e a revertamos ao som emitido, com toda a estranheza que ele pode causar a alguém de língua portuguesa que não entenda o inglês. Somente, então, poderemos tentar verter este som para o inglês, com auxílio de um “codificador” que entenda esta língua, para depois, de posse da expressão “codificada” na língua estrangeira – “*downstairs*” -, podermos traduzi-la para o português: “térreo”. De outra forma, não chegaríamos nunca à “tradução” de “Dona Ester” em “térreo”.

A elaboração onírica, trabalhando das quatro formas expostas, transforma o pensamento latente em sonho manifesto e esta é a pista fundamental, chamada por Freud de “via áurea”, da investigação psicanalítica. As outras duas pistas podem agora ser examinadas de maneira mas sucinta, considerando que os fenômenos que as transformam, a partir das representações inconscientes, já foram examinados aqui.

## 2.2 ATOS FALHOS

De todas as manifestações do inconsciente, o ato falho é o mais comum. Ele acontece o tempo todo com todo mundo. Por isso, é a manifestação que apresenta um maior número de exemplos e, por sua natureza ilustrativa, é aquela que melhor serve para explicar certos aspectos do método freudiano de trabalho.

No seu livro, *Psicopatologia da vida cotidiana*, que trata de Atos Falhos, Freud dedica o inteiro primeiro capítulo, intitulado “O Esquecimento de Nomes Próprios”, ao exame de um ato falho, em forma de esquecimento de um nome, que ocorrera com ele próprio, num trem, em que “[...] viajava em companhia de um estranho, indo de Ragusa, na Dalmácia, para um lugar na Herzegovina: nossa conversa voltou-se para o assunto das viagens pela Itália, e perguntei a meu companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto e se vira ali os famosos afrescos pintados por...[...].” (FREUD, 1987, p. 20). A palavra fugira da memória de Freud. Tratava-se de Signorelli, um nome que lhe era familiar e que ele, portanto, estranhou ter esquecido. Ao tentar lembrar-se do nome do pintor, dois outros nomes se lhe impuseram na mente: Botticelli e Boltraffio, sendo que o primeiro lhe era tão familiar quanto o nome esquecido, já o segundo o era bem menos. Freud afirma, então, que:

[...]o esquecimento do nome só foi esclarecido quando me lembrei do assunto que estávamos discutindo pouco antes, e revelou ser um caso de *perturbação do novo tema emergente pelo tema que o antecedeu*. Pouco antes de perguntar a meu companheiro de viagem se ele já estivera em Orvieto, conversávamos sobre os costumes dos turcos que vivem na *Bósnia* e na *Herzegovina*. Eu lhe havia contado o que ouvira de um colega que trabalhou em meio a essas pessoas – que elas costumam ter grande confiança no médico e total resignação ao destino. Quando se é obrigado a lhes dizer que nada pode ser feito por um doente, respondem: ‘*Herr* [Senhor], o que se há de dizer? Se fosse possível salvá-lo, sei que o senhor o teria salvo.’ Nessas frases encontramos pela primeira vez as palavras e nomes *Bósnia*, *Herzegovina* *Herr*, que podem ser inseridas numa seqüência associativa entre *Signorelli e Botticelli – Boltraffio*.

Suponho que essa seqüência de pensamentos sobre os costumes dos turcos na Bósnia etc. adquiriu a capacidade de perturbar o pensamento subsequente por eu ter afastado a atenção dela antes que fosse concluída. De fato, lembro-

me de ter querido contar uma segunda anedota, que em minha memória estava próxima da primeira. Esses turcos conferem ao gozo sexual um valor maior que o de qualquer outra coisa, e, na eventualidade de distúrbios sexuais, caem num desespero que contrasta estranhamente com sua resignação ante a ameaça de morte. Certa vez, um dos pacientes de meu colega lhe disse: ‘Sabe *Herr*, quando *isso* acaba, a vida não tem nenhum valor.’ Suprimi a comunicação desse traço característico por não querer tocar nesse tema numa conversa com um estranho. Mas fiz algo mais: também desviei minha atenção da continuação dos pensamentos que poderiam ter-me surgido a partir do tema “morte e sexualidade”. Naquela ocasião, eu ainda estava sob a influência de uma notícia que me chegara algumas semanas antes, durante uma breve estada em *Trafoi*. Um paciente a quem eu me havia dedicado muito pusera fim à sua vida por causa de um distúrbio sexual incurável. Tenho certeza de que esse triste acontecimento e tudo o que se relacionava com ele não me vieram à lembrança consciente durante essa viagem a Herzegovina. Mas a semelhança entre “*Trafoi*” e “*Boltraffio*” força-me a supor que essa reminiscência, apesar de minha atenção ter sido deliberadamente desviada disso, passou a atuar em mim na época [da conversa]. (FREUD, 1987, p. 20-21).

Freud, segue dizendo que não lhe é possível considerar esse esquecimento como algo casual. Há, sim, um motivo que o fez interromper a comunicação sobre os costumes dos turcos e que também o impediu de ter consciência das idéias a eles ligadas, que estavam conectadas à notícia que ele recebera em *Trafoi*. O que, na verdade, ele queria esquecer e o que acabou recalçando era algo diferente do nome do artista, porém essa outra coisa associou-se ao nome do pintor “[...] tanto que meu ato de vontade errou o alvo e esqueci *uma coisa contra minha vontade*, quando queria *esquecer intencionalmente a outra*. A aversão ao recordar dirigia-se contra um dos conteúdos; a incapacidade de lembrar surgiu no outro” (FREUD, 1987, p. 21).

Neste ponto, é relevante atentar para o fato de que essa “aversão ao recordar” dirigida “contra um dos conteúdos” não é um processo consciente, mas um trabalho da censura do eu, elaborado inconscientemente.

Para Freud, “[...]tudo seria mais simples [se] a aversão de recordar e a incapacidade de lembrar estivessem relacionadas a um mesmo conteúdo[...]”(FREUD, 1987, p. 21). Mas, é claro, não é isto que ocorre nos fenômenos das manifestações do inconsciente, pois trata-se sempre de uma separação entre o que se quer (conscientemente) e o que se deseja

(inconscientemente). É por esta razão – o fato de o sujeito ser dividido nessas duas instâncias – que os fenômenos ocorrem, de forma que, à primeira vista, os seus sentidos nos escapam e, para capturá-los, precisamos seguir certos indícios.

Freud nos chama atenção para os “nomes substitutos” Botticelli e Boltraffio, que, a esta altura, já não lhe pareciam tão inteiramente injustificados. Por um acordo realizado entre o desejo de esquecer e a vontade de lembrar, “[...] eles me lembram tanto aquilo que eu queria esquecer quanto o que queria recordar e me indicam que minha intenção de esquecer algo não foi nem um êxito completo nem um fracasso total [...]”(FREUD, 1987, p. 21).

Em seguida, Freud nos apresenta um “diagrama”, que ilustra as conexões entre o nome esquecido, os nomes lembrados em substituição e o tema, cuja aversão produziu o fenômeno.

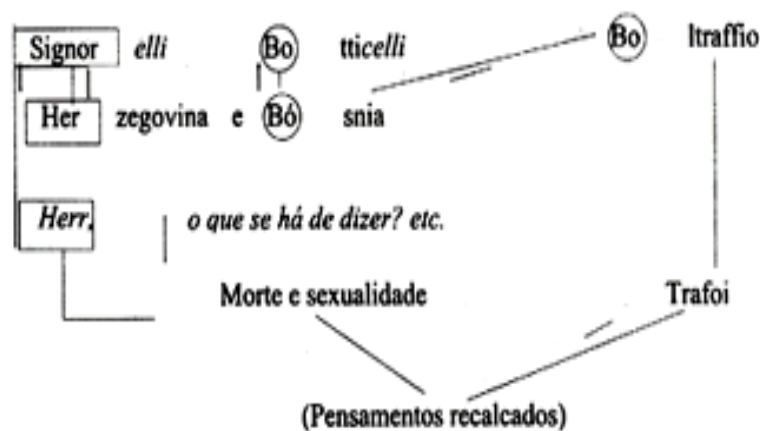


Figura 5 – Representação do esquema do ato falho “Signorelli”.

Fonte: Freud (1987, p. 22).

O diagrama é, então, comentado:

O nome *Signorelli* foi dividido em duas partes. Um dos pares de sílabas (*elli*) ressurgiu inalterado num dos nomes substitutos, enquanto o outro, através da tradução de *Signor* para *Herr*, adquiriu numerosas e variadas relações com os nomes contidos no tema recalcado, mas, por esse motivo, não ficou disponível para a reprodução [consciente]. Seu substituto [para *Signor*] foi

criado como se tivesse havido um deslocamento ao longo da conexão de nomes *Herzegovina* e *Bósnia*, sem qualquer consideração ao sentido ou aos limites acústicos das sílabas. Assim, os nomes foram tratados nesse processo como os pictogramas de uma frase destinada a se transformar num enigma figurado (ou rébus). De todo o curso de acontecimentos que por tais caminhos produziu, em vez do nome *Signorelli*, os nomes substitutos, nenhuma informação foi dada à consciência. À primeira vista parece impossível descobrir qualquer relação entre o tema em que ocorreu o nome *Signorelli* e o tema recalcado que o precedeu no tempo, salvo por esse retorno das mesmas sílabas (ou melhor, seqüências de letras). (FREUD, 1987, p. 22).

Antes de mais nada, precisamos entender por que o esquecimento do nome em questão foi considerado um ato falho. No último capítulo desse seu livro, Freud expõe as condições para que um lapso possa ser considerado como um ato falho. Para que um lapso seja um ato falho, então, é necessário que aquele que o comete não perceba em si nenhuma motivação para tal e, ao ser corrigido por outra pessoa, reconheça de imediato a exatidão da correção e, sobretudo, deve sentir-se capaz de realizar a mesma ação de forma correta, por já tê-la realizado diversas vezes antes.

No caso de um esquecimento de nome, poderíamos acrescentar que, quanto mais nos é familiar, mais o esquecimento momentâneo deste nos apontará para a presença de um ato falho. Por exemplo, esquecer o nome de uma rua, que estamos procurando e que nos foi informado recentemente, é um acontecimento trivial, porém, se esquecemos do nome da rua onde moramos há anos, trata-se de uma anomalia e nos espantamos com o fato. Poderíamos mesmo dizer que o espanto com o esquecimento é um sinal do seu enquadramento como um ato falho. Da mesma forma, esquecermos de um nome histórico que aprendemos um dia, mas com o qual há muito não nos deparamos, é compreensível, porém se esquecemos o nome de um parente próximo, com quem costumamos conviver freqüentemente, é espantoso. Mas isso acontece e, quando acontece, sabemos que estamos diante de um ato falho.

Em “*Signorelli*”, temos um exemplo de um ato falho, no qual várias características dos fenômenos de manifestações inconscientes podem ser observadas. Há, em

primeiro lugar, o esquecimento do nome e a razão para isso. Em seguida, temos a tentativa da recordação do nome que evoca nomes substitutos, conectados, de uma forma lingüística, tanto com o nome esquecido (o *elli* de Botticelli, que se conecta com Signorelli), quanto com o motivo do esquecimento (o “Bo” de Botticelli e de Boltraffio, que lembra Bósnia, que evoca os turcos da história de morte e sexualidade), quanto com o lugar onde a notícia do conteúdo a ser esquecido foi recebida (o “traffio” de Boltraffio, que evoca Trafoi). Tudo se passa como se os nomes substitutos tentassem contar o motivo pelo qual o nome que se busca não emerge à consciência, além de fornecerem várias indicações sobre esse nome.

As associações entre os nomes substitutos e o nome esquecido podem, algumas vezes, ser bastante sutis. Tomemos um exemplo de Octave Manonni: ele esquecera-se do nome de uma cantora que lhe era muito familiar (Edith Piaf) e, na tentativa de trazê-lo à tona, alguns nomes substitutos apareceram, entre eles, o de Courteline, pseudônimo de Georges Moinaux. O nome *moinaux* em francês significa pardal e *piaf* é popularmente usado para pardal. Parece aqui que o nome substituto procura, de forma enviesada, dar pistas sobre o objeto recalcado – da mesma forma que, num sonho, o conteúdo manifesto “dá pistas” do pensamento latente, recalcado. A questão é ainda mais surpreendente quando ficamos sabendo que Manonni, no momento do esquecimento do nome, não se lembrava mais (conscientemente) do nome de batismo de Courteline. Só depois que ele leu sobre o escritor numa enciclopédia, que este nome lhe foi rememorado. Toda a conexão entre o pseudônimo, o nome de batismo e a significação “pardal”, que, popularmente, é o nome esquecido da cantora, foi realizada fora do domínio da consciência, da mesma maneira em que Freud, no seu exemplo, nos esclarece que “De todo o curso de acontecimentos que por tais caminhos produziu, em vez do nome *Signorelli*, os nomes substitutos, nenhuma informação foi dada à consciência (FREUD, 1987, p. 22).



Podemos observar no exemplo “Signorelli” que os fenômenos de deslocamento e condensação estão presentes nos nomes substitutos, tal como num sonho manifesto. O nome “Botticelli” pode ser considerado como uma condensação de “Bósnia” e “Signorelli”. “Boltraffio”, uma condensação de “Bósnia” e “Trafoi”. A representação proibida “Signorelli”, que poderia produzir um afeto desagradável ao ser evocada, é suprimida e, em seu lugar, representações “autorizadas” são admitidas, mas que, como num sonho, estão carregadas de associações, que evocam o elemento recalcado. São estas mesmas associações que as tornam capazes de, por deslocamento, substituírem o nome esquecido.

### 2.3 SINTOMAS

Um dos pontos mais relevantes das idéias de Freud é a sua insistência no fato de que os sintomas neuróticos expressam um significado. Eles são, por assim dizer, a tradução patológica das idéias inconscientes: “[...] os sintomas neuróticos têm, portanto um sentido, como os atos falhos e os sonhos, e, como estes, têm uma conexão com a vida de quem os produz[...]”(FREUD, 1976, v. 16, p. 306).

Compreender este sentido é a razão de ser da psicanálise e é por este motivo que esta faz uso da investigação indiciária. Pode-se dizer que a razão pela qual sonhos e atos falhos são investigados na prática psicanalítica, é por auxílio à compreensão dos sentidos dos sintomas. Entretanto, os mecanismos pelos quais as idéias inconscientes são transformadas em sintomas não diferem daqueles que as traduzem em sonhos e em atos falhos. Examinaremos, a seguir, dois casos clínicos de Freud, procurando verificar, em alguns dos sintomas analisados, a natureza dos fenômenos que os engendra, a fim de compará-los com aqueles responsáveis pela produção das outras duas manifestações do inconsciente.

No início da sua clínica psicanalítica, Freud tratou de uma paciente que era por demais íntima da sua família para tornar-se um “caso clínico”. Fragmentos da sua análise

porém recheiam as páginas do volume no qual ele publicou seus primeiros casos. Ele deu a esta paciente o nome de “Caecilie”. Dela, ele diz que se trata de alguém “[...]que eu vim a conhecer mais completamente do que qualquer uma das outras mencionadas nesses estudos[...]”, justificando o fato de nunca ter totalmente apresentado o seu caso, pois “[...]considerações de ordem pessoal infelizmente fazem com que me seja impossível apresentar uma história clínica pormenorizada dessa paciente[...]” (FREUD, 1976, v. 2, p. 113, n). O fato de os sintomas neuróticos serem metáforas de representações mentais está de uma forma muito claramente ilustrado nas “conversões histéricas” que acometiam esta paciente. Freud declara: “Os melhores exemplos de simbolização que vi ocorreram em frau Cäcilie M., cujo caso eu poderia descrever como o mais grave e instrutivo” (FREUD, 1976, v. 2, p. 225).

Tratava-se de uma moça, “[...] rica aristocrata vienense [...]”, que “[...] entre 1889 e 1893 fez uma longa análise com Freud, no decorrer da qual ele elaborou os princípios do método psicanalítico [...]” e que “[...] pode ser encarada, portanto, como a primeira mulher psicanalisada da história do freudismo [...]” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 476). Uma paciente portanto que, embora não tenha podido ter o seu próprio “caso clínico” publicado, pode ser reputada como alguém que serviu de “laboratório” para a gênese das idéias freudianas.

Frau Caecilie “[...] sofria, entre outras coisas, de uma neuralgia facial extremamente violenta, que surgia subitamente duas ou três vezes por ano, durava de cinco a dez dias, resistia a qualquer espécie de tratamento e cessava abruptamente [...]” (FREUD, 1976, v. 2, p. 225-226). Ainda jovem, ela tinha sido submetida a vários tratamentos para livrar-se desta dor, inclusive a extração de sete dentes, que tinham sido responsabilizados pela doença. Algumas raízes, porém, permaneceram e, mesmo no início do tratamento com Freud, quando as dores começavam, um dentista era chamado e começava a trabalhar nelas. Num

dos seus acessos, Freud aplicou “tratamento hipnótico” na paciente e a proibiu “energicamente” de sentir dores e elas pararam, o que fez com que ele começasse a desconfiar da autenticidade da neuralgia. Tempos depois, quando o trabalho terapêutico encontrava-se em evolução, Freud começou a fazê-la evocar a cena traumática que gerara tal situação e ela passou a demonstrar uma grande irritabilidade para com o seu marido. Ela, então, “Descreveu uma conversa que tivera com ele e uma observação dele que ela sentira como um áspero insulto. De repente, levou a mão à face, soltou um grande grito de dor e exclamou: ‘Foi como uma bofetada no rosto’. Com isso cessaram tanto a dor como o acesso”(FREUD, 1976, v. 2, p. 227). Freud, então, nos assegura que o que acontecera fora uma simbolização, mas no dia seguinte as dores recomeçaram. Mais uma vez, o esclarecimento foi feito através da reprodução de uma outra cena, na qual um outro insulto tomara parte. Durante nove dias, o tratamento seguiu esta linha de dores curadas por hipnose. “[...]Parecia que, durante anos, os insultos, principalmente os externados verbalmente, haviam, através da simbolização, provocado novos ataques de sua nevrálgia facial[...]” (FREUD, 1976, v. 2, p. 228). Por fim, Freud consegue fazê-la reviver o seu primeiro acesso, mais de quinze anos antes, e o resultado dessa vivência leva-o a tirar suas conclusões:

Ali não tinha havido simbolização, mas uma conversão através da simultaneidade. Ela vira um quadro doloroso, acompanhado de sentimentos de autocensura, e isso a forçara a rechaçar outro grupo de pensamentos. Assim, tratava-se de um caso de conflito e defesa. A geração da nevrálgia naquele momento só podia ser explicada pela suposição de que ela estava sofrendo, na época, de leves dores de dentes ou de dores no rosto, e isso não era improvável, visto que ela estava então nos primeiros meses de sua primeira gravidez.

Assim, a explicação foi que essa nevrálgia passara a ser indicativa de uma excitação psíquica específica pelo método usual da conversão, mas que, posteriormente, pôde ser acionada através de reverberações associativas provenientes de sua vida mental ou da conversão simbólica. (FREUD, 1976, v. 2, p. 228).

O fato de rechaçar “outro grupo de pensamentos” diante do quadro faz com que estes pensamento se tornem parte do material recalcado, portanto, do inconsciente. As “leves

dores de dente”, que sofria na ocasião, funcionam, por associação, como a marca física da expressão psíquica recalçada. Desta forma, dá-se a “conversão” de representações mentais em representações corpóreas, característica deste tipo de histeria. A nevralgia, assim, consiste na representação de idéias recalçadas. Tal qual num sonho, a idéia proibida foi substituída por uma representação, a ela ligada por associação por contigüidade no tempo, que, pelo seu disfarce, encontra recepção na consciência. Desta forma, a característica do sintoma se instala: uma representação incômoda, mas permitida pela censura do “eu”, substitui representações incompatíveis com os valores deste “eu”. O deslocamento atua na formação deste sintoma, transferindo o afeto ligado aos pensamentos para o corpo, convertendo idéias em manifestações corpóreas – daí o nome de “histeria de conversão”. Os insultos, recebidos ao longo da vida, serviram de agentes desencadeadores – como os acontecimentos que precedem a noite dos sonhos – da aparição desta “simbolização convertida”. Como num sonho, também a representação corporal é uma condensação de todo o “grupo de pensamentos” recalçado.

Durante o tratamento desta paciente, Freud teve oportunidade de deparar-se com outras simbolizações corpóreas. Ela lhe narrou durante o tratamento que, “Quando contava quinze anos, ela estava deitada na cama sob o olhar vigilante da avó rigorosa. A moça subitamente deu um grito; sentira uma dor penetrante na testa, entre os olhos, que durou semanas”(FREUD, 1976, v. 2, p. 229). Durante o tratamento, quando esta dor, de trinta anos antes, repetiu-se e foi analisada, a paciente disse que a avó lhe dirigira um olhar tão “[...]penetrante que fora direto até o cérebro[...]" (FREUD, 1976, v. 2, p. 229).

Outros grupos de sensações físicas, que poderiam ser diagnosticadas como tendo causa orgânica, eram, no caso de Caecilie, de origem psíquica. Algumas experiências que teve durante esse período, foram acompanhadas por uma sensação de punhaladas na região cardíaca, como que simbolizando a expressão: “apunhalou-me no coração”. “[...]A dor, que ocorre na histeria, em que se cravam pregos na cabeça tinha sem dúvida de ser explicada, no

caso dela, como uma dor relacionada com o pensamento. (‘Uma coisa me entrou na cabeça’)  
(FREUD, 1976, v. 2, p. 229-230).

Toda esta experiência fará Freud refletir:

Caecilie sentia e expressava no corpo suas sensações. Os afetos, no seu caso, não se contentavam em existir momentaneamente no corpo, mas insistiam em deixá-lo marcado, como que erigindo um monumento a suas passagens. Uma lembrança dolorosa, em forma de simbolização corporal. (FREUD, 1976, v. 2, p. 229-230).

Entre 1907 e 1908, durante nove meses, Freud teve como paciente um rapaz que passaria à história dos casos clínicos psicanalíticos, como o “Homem dos Ratos”. Esta narrativa é, entre as demais dos seus casos clínicos, “[...] sem sombra de dúvida, a mais elaborada, a mais estruturada e mais rigorosamente lógica [...]” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 463).

Este paciente tinha 29 anos quando começou o seu tratamento. Possuía sintomas obsessivos que o atormentavam, impedindo-o de levar uma vida normal. Entre as suas questões, havia uma paixão conturbada por uma moça – denominada na narrativa do caso clínico como “a sua dama”. Durante o tratamento, o “homem dos ratos” narrou e elaborou, junto com Freud, alguns desses sintomas. Aqui, examinaremos um deles, que possui um especial poder ilustrativo. Trata-se de um “[...] impulso, que se pode descrever como *indiretamente* suicida, [e cuja] relação com as experiências do paciente conseguiu ocultar-se por trás de uma daquelas associações puramente externas, que parecem tão chocantes à nossa consciência [...]”(FREUD, 1976, v. 10, p. 191).

Entre os vários impulsos obsessivos que assaltavam esse paciente, encontrava-se um impulso suicida, que o afetava com frequência.

Certo dia, estando fora, em suas férias de verão, ocorreu-lhe de súbito a idéia de que ele era muito gordo [em alemão `dick´], e de que ele teria de *ficar mais magro*. Começou, pois, a levantar-se da mesa antes de servirem a sobremesa e apressar-se pela rua, sem o chapéu, sob o calor ofuscante do sol

de agosto; a seguir, também, subiu com pressa uma montanha, até parar, forçado e vencido, pela transpiração. Certa época, suas intenções suicidas de fato emergiram, sem disfarce, por detrás dessa mania de emagrecer: quando se encontrava à beira de um precipício profundo, recebeu a ordem de saltar, o que sem dúvida significaria sua morte. Nosso paciente não seria capaz de imaginar explicação alguma para esse comportamento obsessivo sem nenhum sentido, até que, de repente, ocorreu-lhe que, ao mesmo tempo, também a sua dama estava veraneando na companhia de um primo inglês, que era muito solícito para com ela, e de quem o paciente estava muito enciumado. O nome desse seu primo era Richard, e, conforme o uso coloquial na Inglaterra, tinha o apelido de *Dick*. Nosso paciente, então havia desejado matar o *Dick*; tinha estado muito mais enciumado e enraivecido em relação a ele do que podia admitir para si mesmo, e isso foi a razão por que se impusera esse emagrecimento mediante uma punição. (FREUD, 1976, v. 10, p. 191-192).

Mais adiante, somos informados por Freud que este impulso obsessivo apareceu como uma reação a um forte sentimento de raiva dirigido para o rival amoroso, inacessível, porém, à consciência.

A gordura – *dick* – do “homem dos ratos” surge na sua mente como uma representação substituta, para a qual o afeto furioso, impedido pela sua consciência de ligar-se ao primo da “sua dama”, é deslocado e, assim, permitido pela censura de aflorar na consciência. Como num sonho, podemos identificar aqui o trabalho de deslocamento e a representação simbólica. A gordura surge como uma metáfora do primo odiado e, por isso, precisa ser eliminada. Esta eliminação, inteiramente equivocada, tem a vantagem de não produzir sentimento de culpa, mas, por outro lado, instala-se como um tormento que precisa ser decifrado para ser eliminado.

Desta forma, temos uma visão geral da natureza dos indícios que são a matéria prima da investigação indiciária freudiana. A seguir, examinaremos a trilha pela qual esta investigação desloca-se para atingir seus objetivos.

### 3 A TRILHA ASSOCIATIVA

Como vimos anteriormente, as manifestações do inconsciente são representações na consciência de idéias que são interditas de ali aflorarem. Para que estas representações substituam estas idéias, é necessário que tenham com elas algum tipo de conexão. Estas conexões são, ao mesmo tempo, a base da elaboração das manifestações e a trilha que pode, a partir delas, levar às idéias que elas representam. No sonho da injeção de Irma, observamos que a sua amiga, a quem Freud considerava uma paciente mais desejável, foi representada por Irma sendo examinada junto à janela. Este exame foi realizado, no sonho, em Irma, de maneira semelhante àquela em que Freud tinha visto sua amiga, sendo examinada pelo Dr. M. Desta forma, na mente de Freud, o exame neste lugar estava associado àquela determinada moça.

Nessa representação, o que conectou Irma com a sua amiga – a representação permitida com aquela interdita – foi a semelhança do local em que foram examinadas, portanto uma associação de idéias por similaridade. Analogamente, todas as conexões entre as idéias inconscientes e as manifestações que as representam são construídas por associações de idéias. Deste modo, todas as manifestações do inconsciente possuem uma trilha associativa que, partindo delas, leva às idéias que as originaram. Esta é a trilha utilizada na investigação freudiana.

A trilha começa sempre na consciência, envereda pelo pré-consciente e poderá chegar às representações recalçadas do inconsciente, embora nem sempre a investigação logre ir além das representações do pré-consciente – o que, geralmente, é suficiente para o êxito provisório da investigação.

### 3.1 FREUD E O ASSOCIACIONISMO

O associacionismo freudiano tem raízes antigas. No seu texto pré-psicanalítico sobre as afasias, Freud, referindo-se à ligação entre a representação da palavra e a representação de objeto, afirma que “Da filosofia aprendemos [...] que a aparência de uma ‘coisa’ [...] surge apenas na medida em que no leque das impressões sensoriais obtidas por um objeto incluímos também a possibilidade de uma longa sucessão de novas impressões na mesma cadeia associativa [ J. S. Mill <sup>(27)</sup> ]”. Deixando-nos entrever que sua concepção de representação vem do associacionismo de Stuart Mill. Na nota nº 27, Freud cita as fontes: “J. S. Mill, *Logik*, I, Cap. III, e *An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy*” (FREUD, 1977, p. 71).

Este ponto da teoria freudiana, que determina a maneira pela qual a representação de palavra e a representação de coisa estão associadas na mente, parece ter uma importância que, até agora, não mereceu uma atenção devida por parte dos seus comentadores, embora existam alguns textos que ressaltem este ponto. Maria A. de P. Montenegro (2002, p. 126), por exemplo, observa que estas articulações teóricas, tal como se apresentam neste texto de Freud, “[...] constituem os pilares da teoria freudiana da representação que, ao lado dos aspectos tópicos e econômicos, fundamentam toda a metapsicologia”, acrescentando, a seguir, que estas noções estão “[...] impregnadas do fenomenismo nominalista de Stuart Mill[...]”, estabelecendo o estilo freudiano de pensar o interno/externo.

Por sua vez, Mill integra-se a um “[...] grupo de pensadores ingleses que, seguindo a tradição empirista, defende a doutrina associacionista, aproximando-se mais de David Hume”(GARCIA-ROZA, 1991, p. 50). Mill, ao contrário de alguns pensadores seus contemporâneos, “[...] coloca-se numa posição semelhante à de Hume, afirmando a existência de três e às vezes de quatro princípios de associação: semelhança, contigüidade, freqüência e



inseparabilidade” (p. 52). No que concerne a questão das associações, “[...] a fonte inspiradora de Stuart Mill é o *Tratado da Natureza Humana* de Hume e tanto Stuart Mill como Hume são fontes de inspiração para Freud, embora não seja feita nenhuma referência a Hume no texto sobre as afasias”(p. 54).

Mesmo não tendo mencionado Hume como fonte de suas idéias, Freud pode ter chegado a conhecer as suas concepções sobre associação por fontes outras além de Mill. Schopenhauer é um pensador cuja coincidência de idéias com as teorias de Freud é tamanha, que este precisou alegar sua inocência quanto à possibilidade de tê-lo plagiado. Num texto, no qual faz um balanço da sua vida, depois de admitir “[...]o alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer” (FREUD, 1976, v. 20, p. 75), ele afirma que isto, entretanto, não deve ser remetido à sua familiaridade com a filosofia deste, justificando: “Li Schopenhauer muito tarde em minha vida” (p. 76). Sabemos, entretanto, que Schopenhauer era um dos nomes que Freud citava numa lista, não muito extensa, de “grandes homens” (apud JONES, 1989, v. 2, p. 410). Mesmo acreditando-se na afirmação de Freud de que só “tarde na vida” leu Schopenhauer, suas idéias podem ter chegado até ele via seu professor Meynert, inspirador de seus primeiros tempos, que era “[...] muito influenciado por Kant e Schopenhauer” (v. 1, p. 375), ou através de Brentano, a quem ele admirava muito e a cujos seminários freqüentou uma vez por semana durante dois anos, por ocasião dos seus estudos de medicina. Por sua vez, “[...] a classificação das regras de associação de acordo com semelhança, simultaneidade e causa-efeito, Schopenhauer, presumivelmente, assimilou de David Hume” (KOßLER, 2004, p.191).

Os princípios da associação de idéias de Hume, de alguma forma, parecem ter chegado até Freud, que os aplica, sem mencioná-los, nas suas investigações da psique humana.

“Fossem as idéias inteiramente soltas e desconexas, apenas o acaso as juntaria[...]”. Numa situação como esta, não haveria lugar para um mundo racional. Assim, deduz-se que a uma idéia não se poderia seguir uma outra, numa seqüência lógica, “[...] se não houvesse algum laço de união entre elas, alguma qualidade associativa, pela qual uma idéia naturalmente introduz outra”. As qualidades associativas “[...] que levam a mente, dessa maneira, de uma idéia a outra, são três, a saber: semelhança, contigüidade no tempo ou no espaço, e causa e efeito” (HUME, 2001, p. 34; p. 35).

Estas três maneiras de associar idéias são, para Hume, as bases das conexões entre as idéias em nossas mentes e indispensáveis para que haja um encadeamento lógico dos pensamentos. Não há exceção para esta regra, pois, “[...] mesmo em nossos devaneios mais desenfreados e errantes – e não somente neles, mas até em nossos próprios sonhos – descobriremos, se refletirmos, que a imaginação não correu inteiramente à solta mas houve uma ligação entre as diferentes idéias que se sucederam umas às outras”(HUME, 1999, p. 31).

Hume nos fala de sonhos aqui. Mesmo neles, as idéias estão associadas umas às outras. Freud, caso tenha lido estas linhas, deve ter ficado instigado ao fazê-lo. Mais adiante, Hume nos afirma que uma conversa, mesmo a mais “negligente e indisciplinada”, tem que possuir uma conexão em cada uma das suas transições. “Ou se isso estiver ausente, a pessoa que quebrou o fio da discussão poderia ainda informar-nos que uma sucessão de pensamentos percorreria secretamente sua mente, levando-a gradualmente a afastar-se do assunto da conversação” (p. 31). Este tipo de “sucessão de pensamentos secretos” são a matéria-prima daqueles que trabalham com o método freudiano de investigação da mente. A conexão associativa entre as idéias desses pensamentos é o que nos leva às descobertas, nas análises, de idéias que estavam ocultas para o próprio sujeito que as possuía.

Em Freud, vamos encontrar uma forma especial de conexão entre idéias que produzem os “devaneios mais desenfreados e errantes”. Na sua teoria, as associações entre as

idéias se dá de tal forma que esta conexão continua além da consciência, penetrando no inconsciente, onde o sujeito a ser capturado está refugiado. É a associação entre as idéias que, neste tipo de investigação, direciona toda a pesquisa.

Um ponto ainda por abordar aqui é: o que faz com que Freud abrace, de maneira tão convicta, a certeza de que todas as idéias presentes na mente têm uma conexão associativa com outras? A resposta a esta pergunta pode ser encontrada na sua certeza da existência de um determinismo psíquico.

Freud segue a trilha associativa das idéias com tamanha determinação porque acredita que toda idéia está associada a uma outra. O seu engajamento no empirismo inglês está atrelado à sua crença no determinismo da vida psíquica. Para ele, nada acontece por acaso na vida mental. Num artigo sobre sonhos, dissertando sobre a escolha de uma determinada representação onírica, ocasionada por um estímulo externo deliberado, Freud (1976, v. 5, p. 720) afirma que “[...] não existe coisa tal como determinação arbitrária na mente”. Numa conferência, podemos ouvi-lo dizer que, se pedirmos para alguém, que nada saiba sobre psicanálise, explicar as ocorrências dos atos falhos, ele “certamente” dirá que “nada há para ser explicado”, que isso não passa de pequenos acontecimentos ao acaso. Mas esta pessoa estaria, com isso, negando a *Weltanschauung* da ciência. Mesmo a *Weltanschauung* da religião se comporta de maneira mais coerente, pois nos dá “[...] a explícita garantia de que nenhum pardal cai do telhado sem a vontade de Deus” (v. 15, p. 42). Desta forma, ele expõe a sua crença num determinismo na mente similar àquele da física.

No último capítulo do seu livro sobre atos falhos, Freud trata do determinismo psíquico, citando vários exemplos para provar a sua tese de que nada sai pela boca sem que esteja associado a uma idéia da vida psíquica do sujeito. Não só as palavras trazem a marca do determinismo, mas também um gesto, ou uma ação, aparentemente involuntária, estarão ligados a uma idéia na mente de quem os produziu. O determinismo psíquico absoluto é

contestado por muitas pessoas, na crença de que há um livre-arbítrio. “Esse sentimento de convicção existe, e não cede diante da crença no determinismo. Como todos os sentimentos normais, deve ter algo que o justifique” (FREUD, 1987, p. 219-220). Entretanto, este tipo de sentimento “não se manifesta nas grandes e importantes decisões da vontade” (p.220). Nestas ocasiões, geralmente, as pessoas argumentam que não tiveram outra escolha. A decisão se lhe impôs. “Em contrapartida, é justamente nas decisões indiferentes e insignificantes que se prefere asseverar que teria sido igualmente possível agir de outra maneira, que se agiu por uma vontade livre e não motivada” ( p. 220). Para Freud, não é preciso contestar a convicção no livre arbítrio. A convicção está correta quando afirma que nem todas as nossas decisões motoras são motivadas por decisões conscientes. A consciência não se ocupa de pequenas coisas. Mas, se levarmos em conta as motivações inconscientes, veremos que aquilo que foi “[...] liberado por um lado recebe sua motivação do outro, do inconsciente, e desse modo o determinismo na esfera psíquica prossegue ainda sem nenhuma lacuna” ( p. 220).

### 3.2 ASSOCIANDO IDÉIAS

Associar idéias é uma prática mais comum do que pode aparecer à primeira vista. É um procedimento presente em todo tipo de raciocínio e a base de toda pesquisa.

Se verificarmos o método de trabalho dos outros dois integrantes do paradigma indiciário, veremos que a associação de idéias permeia suas análises. Toda investigação de Holmes consiste em associar uma representação à outra até chegar àquela do criminoso procurado. Uma cinza encontrada no chão evoca a idéia de um determinado tipo de charuto, que, por sua vez, irá constituir-se numa idéia do tipo de pessoa que deverá ser procurada. Da mesma forma, quando Morelli associa um “traço desprezioso” numa pintura a um determinado artista, é um encadeamento de idéias que está sendo seguido.

Edgard Allan Poe inaugurou a tradição dos detetives indutivos, apresentando ao mundo Charles Auguste Dupin, “[...] o primeiro detetive da história da literatura” (BORGES, 1999, p. 224). A sua história de estréia chama-se “Os Crimes da Rua Morgue”. Nela, o detetive surpreende o seu amigo, numa manobra que consiste exatamente em adivinhar o pensamento deste, após ter observado as mudanças em sua fisionomia e os seus movimentos corporais, ao longo de quinze minutos, enquanto caminhavam juntos pelas ruas de Paris. Dupin nos expõe a sua habilidade analítica através da investigação do encadeamento das idéias, tal qual um analista freudiano a pratica no seu dia-a-dia no consultório. Dupin, usando o método associativo, percebe o encadeamento dos pensamentos do seu companheiro, através dos objetos observados, pela relação destes com os assuntos recentemente discutidos entre os dois e pela expressão facial do seu amigo ao longo da caminhada. Por fim, para surpresa deste, faz um comentário pertinente ao conteúdo do seu pensamento (POE, 1978, p. 117-120).

Esta prática é imitada por Sherlock Holmes décadas depois. Na história, intitulada “O caso da caixa de papelão”, ele assombra Watson, concordando com uma opinião sua que não havia sido expressa. Quando o companheiro, perplexo, o questiona sobre como ele poderia ter adivinhado seus pensamentos, ele demonstra o seu método, explicando que inspecionou os seus gestos, os objetos para os quais ele olhava, as suas expressões faciais, enquanto fazia isto e conectou isto tudo com os assuntos discutidos pelos dois nos últimos dias, seguindo, assim, o encadeamento das suas idéias. Para justificar o feito, Holmes pergunta a Watson se ele se lembrava de que, num conto de Poe, que eles tinham lido recentemente, “[...] no qual, certo personagem acompanha pelo raciocínio os pensamentos íntimos do companheiro”, ele se tinha mostrado incrédulo, acreditando que aquilo não era possível (DOYLE, 2002, v. 3, p. 178-179). Agora, Holmes prova ao mundo, por intermédio de Watson, que também é capaz de seguir a trilha das associações de idéias, tal qual o seu rival francês.

No método freudiano, o que fará com que a associação de idéias tenha o destaque que recebe neste trabalho é o fato de que “idéias” são tanto a pista que enceta a análise, quanto os passos que pavimentam a trilha a ser seguida na investigação, e, ainda, aquilo que é encontrado no final desta. Associação de idéias, além disso, é a ferramenta básica de trabalho numa investigação deste tipo.

O lingüista Roman Jakobson, no seu texto “Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia”, “[...] destacou a estrutura bipolar da linguagem, graças à qual o ser falante realiza, sem que se aperceba, dois tipos de atividade: uma está relacionada com a similaridade [...], enquanto a outra remete à contigüidade [...]” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 710). Este texto de Jakobson tem uma forte influência na moderna concepção das idéias psicanalíticas. Um dos primeiros teóricos da psicanálise a ser influenciado por estas idéias foi Lacan, cujo princípio “[...]de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem tem sua origem, e recebe seu aval lingüístico, a partir dos estudos do lingüística Roman Jakobson sobre a afasia” (GARCIA-ROZA, 2000, p. 269).

Jakobson, nesse texto, demonstra, através do comportamento dos afásicos, como a similaridade e a contigüidade se constituem nas duas normas que submetem a ordenação das idéias na psique humana. De uma certa forma, este texto tornou-se uma contribuição pós-freudiana sobre a maneira como as idéias estão estruturadas na mente. O inconsciente e, por concatenação, a consciência articulam as idéias segundo estes dois pólos.

Além dos exemplos baseados nos comportamentos dos afásicos, Jakobson, naquele artigo, ilustra suas idéias através da arte e da literatura, vinculando, por exemplo, correntes literárias a um ou outro desses dois princípios lingüísticos: “O princípio de similaridade domina a poesia [...]. Pelo contrário, a prosa gira essencialmente em torno de relações de contigüidade” (JAKOBSON, 1995, p. 62).

Ele nos mostra, neste seu texto, que a similaridade corresponde na lingüística à metáfora, enquanto a contigüidade, à metonímia, e relaciona estes meios de concepção de representações “[...] com a condensação e deslocamento, apontados por Freud como sendo os mecanismos básicos do trabalho do sonho” (GARCIA-ROZA, 2000, p. 269). Isto nos leva a considerar que esses “dois aspectos da linguagem”, que têm como função manter as idéias articuladas entre si, são a base da formação das idéias e da articulação dos pensamentos, tanto aqueles que são produtos da consciência – na literatura, por exemplo –, quanto aqueles que povoam o mundo do inconsciente –, que é o caso dos pensamentos latentes, articulados segundo estes dois princípios na elaboração do conteúdo manifesto dos sonhos.

Esta contribuição de Jakobson ao entendimento do funcionamento mental e, por extensão, à teoria freudiana, permite-nos visualizar a questão da associação de idéias em Freud sob o prisma dual da similaridade/contigüidade. Neste trabalho, utilizaremos estas duas formas de associação de idéias para desenvolver nossos argumentos.

Tomemos o “sonho da injeção de Irma”. As representações que aparecem no sonho manifesto têm sempre uma conexão associativa com aquelas lhes correspondem no pensamento latente.

No sonho, Irma aparece inchada. Este era um estado em que esta paciente nunca estivera na vida desperta. Em contrapartida, a esposa de Freud, há algum tempo, havia-se encontrado-se num estado similar. A representação, portanto, era a da esposa de Freud, simbolizada no sonho por uma associação por similaridade. Neste mesmo sonho, Freud chama “imediatamente” o Dr. M., o que lhe remete a uma situação similar na vida de vigília, quando ele teve que recorrer ao médico desta maneira. Assim, a situação representa, por similaridade, uma outra – a da morte de uma paciente por erro médico –, cujo conteúdo estava interdito de surgir à consciência.

Neste sonho, vamos encontrar também um exemplo de associação por contigüidade. A fórmula de trimetilamina aparece no sonho “em grossos caracteres”. Esta substância tem uma conexão com o tema “sexualidade” por ser um dos produtos do metabolismo sexual. Este foi um assunto de discussão entre Freud e seu amigo Fliess. Na conversa, a substância e a sexualidade tinham sido tratadas como duas idéias contíguas. Daí terem elas ficado conectadas. Deu-se a “escolha” da idéia da fórmula da substância para representar àquela da sexualidade, pela elaboração onírica, por estarem elas associadas por contigüidade.

Um outro exemplo de associação por contigüidade encontra-se no sonho, anteriormente examinado, da jovem que sonhou com o funeral do filho da irmã. Houvera, de fato, uma ocasião em que um cavalheiro, amigo da família, e por quem ela estava interessada, os tinha visitado: no funeral do filho mais novo desta mesma irmã. O sonho manifesto, portanto, associou, por contigüidade no tempo, a morte do primeiro sobrinho e a visita do cavalheiro, para representar o seu desejo por este, através do funeral do seu outro sobrinho.

No exemplo do ato falho do esquecimento do nome “Signorelli”, um dos nomes substitutos, “Boltraffio” nos fornece um exemplo de conexão, no qual podemos encontrar tanto uma associação por similaridade, quanto uma por contigüidade. O nome do pintor aparece em substituição ao de Signorelli – que está proibido de aflorar à consciência – porque está associado a Trafoi, por possuírem sons similares. Por sua vez, a cidade está associada com o assunto recalcado, motivo do ato falho, por ter sido o local onde Freud recebeu a notícia que precisava ser afastada da consciência. Associando-se a esta, portanto, por contigüidade.

No caso clínico de Frau Caecilie, foram examinados as conexões entre os seus sintomas corporais e as idéias neles representadas. A sua neuralgia, que lhe custou a extração de sete dentes, era a representação simbolizada dos insultos que recebera ao longo da vida, e



que nela se expressavam como “uma bofetada no rosto”. O primeiro desses acessos, entretanto, se deu diante de uma cena dolorosa, quando ela, supostamente, sofria “de leves dores de dentes ou de dores no rosto”. Este momento é considerado por Freud, não como tendo havido uma simbolização, mas sim, “uma conversão através da simultaneidade”. A simbolização, ao longo dos anos, era realizada através da associação por similaridade, enquanto a origem dela tinha sido causada por uma associação por contigüidade temporal.

Da mesma forma, podemos constatar no caso do “homem dos ratos”, que o seu sintoma, que consistia em eliminar a gordura – *dick* –, ou, de uma forma mais radical, eliminar a si mesmo, enquanto gordo, era a expressão de uma associação por similaridade com o nome do rival que, no fundo, desejava ver eliminado.

Freud nos dá inúmeros exemplos de associação de idéias no último capítulo do livro dos lapsos. Escolhemos, para ilustrar, um que nos toca pela sua elegância. Um advogado que viajava de Biarritz para San Sebastian, ao cruzar, pela linha férrea, a ponte sobre o rio Bidassoa, que separa a França da Espanha, foi surpreendido por dois versos que lhe ocorreram inesperadamente: *Aber frei ist schon die Seele, Schwebet in dem Meer von Licht* [Mas a alma já está livre, flutua num mar de luz]. Na ocasião, ele tentou encontrar a proveniência dos versos, mas nada lhe ocorreu. Cinco anos depois, quando fazia a viagem em sentido contrário, da Espanha para a França, ao olhar pela janela para ver se já se aproximava da fronteira, ele avistou a mesma ponte e, imediatamente, os mesmos versos, de cinco anos antes, voltaram à sua memória. De novo, ele não conseguiu lembrar da sua origem. Meses depois, em sua casa, abriu casualmente um livro de poemas e os versos recorrentes lhe saltaram aos olhos. O poema chamava-se “O Peregrino”. Ao lê-lo, ele sentiu uma vaga lembrança, achou que deveria tê-lo lido antes, mas nada lhe ocorria que pudesse conectar esses versos com o local onde eles lhe ocorreram. Mecanicamente, virou a página do livro – os versos recorrentes estavam impressos no fim da página – e, ao fazê-lo, deparou-se com o título do poema

seguinte: “A Ponte Sobre o Rio Bidassoa” (FREUD, 1987, p. 218-219). Temos aqui um exemplo de uma associação por contigüidade. A página do poema lembrado era contígua àquela do poema que tinha como título a ponte na qual os versos vinham à mente.

Neste exemplo, que não é de um ato falho, mas, sim, da aparição de um pensamento que surge sem que saibamos de onde vem, podemos verificar que as idéias estão associadas em nossas mentes, mesmo quando não sabemos de que forma elas surgiram. Em momentos como este, costumamos nos perguntar: “de onde saiu esta idéia?” A resposta poderá ser encontrada se pudermos rastrear a sua origem através de outras idéias a ela associadas. No exemplo da “Ponte sobre o rio Bidassoa”, a pessoa a quem os versos surgiram na cabeça foi suficientemente inquiridora para pesquisar e acabar por descobrir a origem da aparição, mas, na maioria das vezes que este tipo de fenômeno acontece conosco, seguimos em frente sem ao menos perceber o fato. Segundo Freud, toda vez que nos dermos ao trabalho de seguir a trilha que leva da idéia à sua causa, descobriremos um fator desencadeante. Mesmo num fato tão trivial quanto começarmos a pensar ou assobiar uma música qualquer, poderemos nos deparar com uma idéia a ela associada. Desta forma, “quem se der o trabalho [...] de observar as melodias que cantarola inintencionalmente e com freqüência sem percebê-lo, poderá descobrir com bastante regularidade a relação entre as palavras da canção e o assunto que está ocupando sua mente” (FREUD, 1987, p. 190).

As manifestações do inconsciente estão associadas, segundo os princípios de similaridade e de contigüidade com outras representações, perfazendo, nesta cadeia associativa, a trilha que foi elaborada pela mente, desde a representação recalcada até a manifestação que lhe deu expressão. O trabalho analítico consiste em refazer este caminho de volta, seguindo os elos associativos, como um “fio de Ariadne”. Neste trabalho, a técnica a ser empregada é a da “associação livre”.

### 3.3 A TÉCNICA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE

O termo “livre” nesta expressão não quer significar, como pode parecer à primeira vista, “livre do determinismo psíquico”, ao contrário, a liberdade que se deve ter neste método é aquela da interferência da censura do “eu”, deixando que a mente possa exercer livremente toda a sua determinação. O sujeito que associa deve deixar de lado, dentro dos limites do possível, qualquer interferência que pretenda ter sobre a seleção dos pensamentos que lhe vêm à mente. Deve deixar que eles fluam “livremente”, sem que faça uma triagem para escolher aqueles que mais lhe agradarem. As idéias a serem consideradas devem ser aquelas que primeiro e mais fortemente aflorem à consciência, não importando o quão tolas, estúpidas ou imorais pareçam.

Este método deixa-nos entrever um fato importante a ser considerado na investigação freudiana. Constatamos, através da sua aplicação, que na análise dos fenômenos mentais não existe apenas um investigador, e, sim, dois. O “eu” do sujeito no qual a manifestação ocorreu é o verdadeiro seguidor das pistas. Podemos afirmar, num sentido figurado, que ele é o detetive, que tem no analista o seu consultor técnico.

Um modelo ilustrativo deste método pode ser visto na maneira pela qual Freud descreve a sua percepção sobre o significado de uma das representações do “sonho da injeção de Irma”. Nele, a palavra “propilos” surge sem nenhuma razão de ser, mesmo depois quando Freud efetua a análise, ligando as manifestações deste sonho aos pensamentos latentes. “O que estava contido nos pensamentos oníricos não era “propilos”, mas “amilos”. A representação onírica, à primeira vista, não faz sentido algum, mas Freud concentra-se nela: “Quando permiti que minha atenção se demorasse um pouco mais, na palavra “propilos”, ocorreu-me que soava como “Propileu” [um pórtico ritual ateniense]. Mas há propileus não só

em Atenas, como também em Munique”(FREUD, 1976, v. 4, p. 313). Assim, Freud inclui o seu amigo Fliess, que morava em Berlim, no pensamento do sonho.

Esta observação “ocorreu-me que soava como...” ilustra significativamente a atitude adequada que se deve ter durante o processo de livre associação. É este tipo de atitude, para com a atenção aos indícios e à percepção das pistas oferecidas pela trilha associativa, que o sujeito deve ter para levar a bom termo a investigação.

No seu livro sobre os lapsos, Freud expõe centenas de exemplos deles. Aqui, examinaremos um deles, para ilustrar a maneira pela qual as idéias estão associadas nas manifestações do inconsciente, e a forma pela qual se pode rastrear, partindo da representação conhecida, as demais representações que lhes são associadas ao longo da cadeia.

É preciso que salientemos que, nestes exemplos, a pista associativa nos leva da representação consciente a uma idéia pré-consciente. Os atos falhos são, por assim dizer, pistas, cujas trilhas nos levam a um estágio intermediário numa análise deste tipo. O pré-consciente é um lugar, da topologia freudiana, no qual idéias que não estão na consciência podem, a qualquer momento, ser acessadas por esta. Porém, nem sempre isto é possível e, quando se dá um impedimento deste tipo, evidencia-se o surgimento de um recalçamento temporário destas idéias por associação com alguma outra do inconsciente recalçado<sup>5</sup>. Este é o caso de um ato falho por esquecimento de um nome. Outros tipos de ato falho podem gerar várias outras formas de manifestações das idéias inconscientes.

Um ato falho, também em forma de esquecimento de nome, nos é apresentado por Freud no capítulo dedicado ao esquecimento de palavras estrangeiras do seu livro dos lapsos. Ele constitui-se numa boa ilustração do método de associação livre. Assim como “Signorelli”, este ato falho aconteceu durante uma viagem de férias de Freud. O lapso, entretanto, não

---

<sup>5</sup> Deve-se levar sempre em conta o fato de que estamos tratando de lapsos considerados comprovadamente atos falhos, conforme as condições expostas no Capítulo 2.

acontece com ele próprio, mas com seu companheiro de viagem, um jovem de formação acadêmica, “[...] que logo constatei estar familiarizado com algumas de minhas publicações psicológicas” (FREUD, 1987, p. 25). Depois de um certo tempo, a conversa entre os dois incidiu sobre a situação social dos judeus. No meio da conversa, o rapaz faz uma citação de Virgílio. Porém uma palavra do verso não lhe veio à mente e o deixou embaraçado. A citação completa, que lhe foi dada por Freud, a seu pedido, é “*Exoriar(e) aliquis nostris ex ossibus ultor*” [que de meus ossos surja alguém como vingador]. A palavra “aliquis” tinha sido aquela que lhe fugiu da memória. Diante da afirmação do rapaz de que gostaria muito de saber o motivo do esquecimento, Freud aceita “[...] o desafio prontamente, na esperança de conseguir uma contribuição para minha coleção. Disse-lhe, pois: ‘isso não nos deve tomar muito tempo. Só tenho que lhe pedir que me diga, *sinceramente e sem nenhuma crítica*, tudo o que lhe ocorre enquanto estiver dirigindo, sem nenhuma intenção definida, sua atenção para a palavra esquecida” (p. 26).

Ao pedir ao rapaz que lhe dissesse tudo que lhe vinha à mente, “*sinceramente e sem nenhuma crítica*” – itálicos no original –, Freud lhe comunica, de uma maneira informal, a regra básica da livre associação. A falta de “intenção definida” ao dirigir a atenção para a representação, que se deseja tomar como indício, é fundamental para este tipo de investigação. É necessário que se deixe, nestas ocasiões, a mente consciente “livre” de intencionalidade, para que possa ser visitada por representações imprevistas. O resultado desta análise, assim preparada, foi, como veremos, surpreendente.

O que “aliquis” quis dizer para ele? Em primeiro lugar, ocorreu-lhe a “idéia ridícula” de dividir a palavra em duas: “a” e “liquis”. À pergunta de Freud sobre o que isto queria dizer, ele diz que “isto continua assim: reliquien, liquefazer, fluidez, fluido...”. Imediatamente, ele queria saber se Freud já tinha descoberto algo, mas este o estimula a continuar. Em seguida, ele diz que está pensando em “[...] *Simão de Trento*, cujas relíquias vi

há dois anos numa igreja de Trento[...]”. Em seguida, vem-lhe à mente a acusação de sacrifícios de sangue que estavam sendo lançadas contra os judeus. Neste ponto, Freud lhe lembra que esta idéia estava presente na conversa que os dois estavam tendo antes do esquecimento do nome. Agora, o pensamento que lhe vem é sobre um artigo intitulado: “O que diz Santo Agostinho sobre as mulheres”. Ele, então, fala que lhe vem algo que “por certo não tem nenhuma ligação com o tema”. Neste momento, Freud lhe diz para que se abstenha de qualquer crítica. Imediatamente, ele lembra-se de “[...] um magnífico senhor idoso que encontrei numa de minhas viagens na semana passada. Ele era realmente *original*. Parecia uma enorme ave de rapina. Chamava-se *Benedito*, se isso lhe interessa” (p. 26). Isso o faz pensar que está associando uma seqüência de nomes de santos padres da igreja. A associação de idéias continua, e, entre os nomes que aparecem à mente, surge o de São Januário e o milagre do seu sangue. Nesta, altura ele comenta: “O sangue de São Januário fica guardado num pequeno frasco, numa igreja de Nápoles, e num determinado dia santo ele se *liquefaz* milagrosamente. O povo dá muita importância a esse milagre e fica muito agitado quando há algum atraso[...]” (p. 27).

Freud, em seguida, o impele a continuar, porém agora lhe ocorria “alguma coisa mais íntima demais para ser comunicada” e ele não via “nenhuma ligação, nem qualquer necessidade de contá-lo”. Freud lhe diz, então, que poderia deixar com ele o julgamento sobre se o assunto era ou não ligado ao esquecimento e, num gesto de avidez de saber, impulsiona-o a continuar, dizendo, “[...] mas então não queira saber de mim como foi que se esqueceu da palavra *aliquis*”(p. 27).

Diante desta chantagem intelectual, o rapaz “confessa tudo”: “Pois bem, é que de repente pensei numa dama de quem eu poderia receber uma notícia que seria bastante desagradável para nós dois”. Freud, então, complementa: “Que as regras dela não vieram?”. E ele, surpreso, pergunta: “Como conseguiu adivinhar isso?” Freud lhe responde:

Já não é difícil. Você preparou bem o terreno. Pense nos *santos do calendário, no sangue que começa a fluir num dia determinado, na perturbação quando esse acontecimento não se dá, na clara ameaça de que o milagre tem que se realizar, se não...* Na verdade, você usou o milagre de São Januário para criar uma esplêndida alusão às regras das mulheres.(p. 27)

Este companheiro de trem propiciou a Freud uma boa “contribuição para a sua coleção”, mas também um ótimo exemplo do método de associação livre em ação. A palavra “aliquis” deu a pista, numa série associativa, de outros elos na corrente que levaram ao tema “proibido”.

O método da livre associação consiste, portanto, em deixar a mente livre para, a partir de uma determinada representação, ligar-se por similaridade ou contigüidade à uma outra representação qualquer que se apresente. Essa ligação é feita, como apontou Jakobson, sem que o ser falante se aperceba. É através destas ligações, realizadas desta forma, que a trilha associativa conduz ao sujeito procurado numa análise deste tipo.

Agora, que examinamos a maneira pela qual apreendemos o sujeito procurado nas nossas investigações, resta-nos tentar inspecioná-lo.

## 4 O SUJEITO FUGAZ

O sujeito encontrado ao fim da trilha associativa está refugiado no inconsciente. Concluímos disto que ele, por sua vez, não pode ser acessado diretamente pela consciência, mas apenas inferido pelos indícios que emite do local onde se encontra. A “inspeção” que logremos empreender neste sujeito será, portanto, indireta.

Para que possamos aproximarmo-nos das características deste sujeito, precisamos entender a natureza do local por ele habitado. Para isto, passaremos a examinar os fundamentos da estrutura da mente, tal qual foi concebida por Freud.

### 4.1 A MENTE DIVIDIDA

Antes de Freud, a psicologia associava o psiquismo à consciência. A sua teoria trouxe algo novo, a idéia do inconsciente dinâmico no estudo da mente. Ele considerava que, ao fazer isto, teria que se confrontar com a objeção por parte dos filósofos, que considerariam que a representação mental latente “[...] não existia de fato como objeto da psicologia, e sim de que se trata apenas de uma disposição física disponível para desencadear repetidamente a trajetória do mesmo fenômeno psíquico [...]” (FREUD, 2004, p. 83). Freud contra-argumentava, afirmando que, se este fosse o caso, a teoria psicológica teria que se servir de recursos de outros campos para explicar os processos psíquicos em sua inteira extensão. Portanto, “[...] seria um equívoco negar à psicologia o direito de explicar, com recursos de seu próprio campo, fatos dos mais corriqueiros em nossa área como, por exemplo, a constatação da existência da memória” (p. 83).

O que ele iria atribuir ao consciente seria apenas aquela parte do pensamento que está sendo percebida. Todas as outras representações que se tenha razão para supor que existam no psiquismo, como o material com o qual a memória é constituída e que, a qualquer



instante, pode ser requisitado para aflorar à consciência, podem ser denominadas de “inconscientes”. “Uma representação inconsciente é, portanto, aquela que não percebemos, mas cuja existência admitimos, com base em outros indícios e evidências” (p. 84). Além da memória, Freud irá evocar outros aspectos do psiquismo que indicam a existência de fenômenos mentais fora do domínio da consciência.

Ele travou um conhecimento profundo com o hipnotismo quando “[...] ocorreu a famosa visita a Bernheim em Nancy [...]” (JONES, v. 1, p. 190) e deste encontro fica a “marca indelével” da existência do inconsciente que “[...] há muito tempo estivera sob discussão entre os filósofos como conceito teórico, mas agora, pela primeira vez, nos fenômenos do hipnotismo ele se tornava algo concreto, tangível e sujeito a experimentação” (FREUD, 1976, v. 19, p. 240).

Freud, algum tempo antes, já havia tido a oportunidade de ver Charcot aplicando o hipnotismo nas histéricas do Salpêtrière, assim como já estava a par da terapia à base de hipnose realizada por seu colega Breuer na paciente que se tornou conhecida como Ana O., porém são as experiências hipnóticas de Bernheim que lhe irão sedimentar a convicção de que a consciência não poderia responder sozinha pelo psiquismo. Uma das experiências que o marcou profundamente foi aquela em que Bernheim, durante a hipnose, dá uma instrução para ser seguida após o estado hipnótico. O paciente submetido à experiência recebia a ordem de que deveria abrir um guarda-chuva sobre a cabeça do hipnotizador quando este reentrasse na sala, e, logo depois, era retirado do estado hipnótico. O médico, então, retirava-se, para retornar em seguida. No seu retorno, o paciente, que não se encontrava mais sob hipnose, executava exatamente as instruções que tinha recebido. Quando isto acontecia, Bernheim, fingindo surpresa, perguntava-lhe o porquê de tal atitude. O paciente, embaraçado, tentava, então, dar as explicações que lhe surgiam à cabeça. “Todo aquele que tenha assistido a uma experiência desse tipo receberá uma impressão indelével e uma convicção que jamais poderá

ser abalada” (FREUD, 1976, v. 23, p. 319). Freud refere-se à convicção quanto à existência do inconsciente. Assim, constatamos o quanto as experiências executadas por Bernheim em Nancy marcaram profundamente o conceito do inconsciente na teoria freudiana. A expressão “experimental”, presente nessas suas afirmações, evidencia a vontade de Freud quanto a qualificar a sua descoberta como científica.

A concepção de uma nova idéia para a antiga expressão “inconsciente” tem em Bernheim uma fonte de influência incontestável. O termo “dinâmico” fará a diferença fundamental entre a concepção do inconsciente até então e aquela do inconsciente freudiano. “O fato de o paciente executar as instruções indica que estas não se extinguiram psiquicamente e, visto poderem afetar o comportamento consciente, devem ter estado dinamicamente inconscientes. É precisamente isto que se quer dizer com inconsciente dinâmico” (GIOVACCHINI, 1985, p. 4).

Freud vai então traçar uma analogia com esta ordem do hipnotizador e os desejos inconscientes que governam as nossas ações sem que saibamos, principalmente nas neuroses, quando sintomas, que nos trazem grandes transtornos, aparecem inadvertidamente. Nestas experiências, “[...] os fenômenos hipnóticos mostravam uma semelhança inequívoca com as manifestações de algumas neuroses” (FREUD, 1976, v. 19, p. 240).

Os estudos dos estados neuróticos foram desenvolvidos em épocas anteriores à constatação dessas experiências. A teoria de que havia uma parte da mente não acessível ao exame consciente direto já era uma noção presente nos textos de Freud. O estado hipnótico reforça esta percepção, como mais uma forma de constatar este lado secreto da mente. Porém, todas estas experiências são “[...] um fato criado artificialmente. Se adotarmos a teoria dos fenômenos histéricos [...], não nos faltarão numerosos dados naturais que demonstram de forma ainda mais inequívoca que a sugestão pós-hipnótica tem de fato um caráter psicológico” (FREUD, 2004, p. 85).

As idéias não conscientes foram então subdivididas em dois grupos. O primeiro deles consistia daquelas idéias que, embora não estivessem presentes na consciência em determinado momento, poderiam, não obstante, tornarem-se conscientes sempre que requisitadas pela memória. Estas idéias receberam a denominação de pré-conscientes. Porém, ao lado destas, havia também um grupo de idéias latentes, que “[...] por mais fortes que sejam não penetram na consciência” (p. 85). Estes grupos de idéias, por sua vez, deram origem a espaços topológicos, os quais receberam o nome correspondente ao tipo de idéia que aí habita. Desta forma, aquilo que ficou conhecido como a primeira tópica freudiana foi categorizada. Trata-se da divisão da mente em Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente.

As características do Inconsciente são aquelas que nos interessam, pois é nele que se encontra o sujeito que nos propusemos investigar, assim como é deste lugar que este sujeito assimila as características que o fazem assumir a natureza especial que detém.

Uma outra fonte de estudo para a percepção da dinâmica do inconsciente foram os sonhos. Na análise destas manifestações, foi constatado que pensamentos da vida de vigília, que são deixados de lado pela atenção consciente, constituem-se no elemento deflagrador do sonho manifesto. Este último, porém, é mais elaborado e complexo do que os pensamentos conscientes que o estimularam. Isto indica que uma parcela da nossa vida mental, agindo fora da percepção consciente, dá continuidade à cadeia de pensamentos, abandonada pela consciência, deixando-nos perceber “[...] que *as mais complexas realizações do pensamento são possíveis sem a assistência da consciência* [...]” (FREUD, 1976, v. 5, p. 631).

No inconsciente, encontram-se as representações recalçadas que foram aí sedimentadas na infância do sujeito, estruturando-o mentalmente para o resto da vida. Estas representações, embora nunca aflorem, elas mesmas, na consciência, governam a atividade mental do sujeito ao longo da sua vida, através das suas manifestações, as representações

substitutas. Daí o termo “dinâmico”, que acompanha a designação deste inconsciente. O famoso verso de William Wordsworth: *The child is father of the man* [a criança é o pai do homem] sempre foi alvo de fascínio estético, mas foi “[...] a descoberta de Freud do modo preciso como a base instintiva – anteriormente desconhecida – da vida infantil evolui para transformar-se na personalidade adulta, [que] deu a esse provérbio uma significação muito mais profunda” (JONES, 1989, v. 1, p. 378).

As representações presentes no inconsciente estão sujeitas a leis diferentes daquelas que regem o funcionamento da consciência. As representações, aí, são operadas segundo o “processo primário”, em contraposição ao “processo secundário”, que rege a consciência. O processo primário é responsável pela forma por que as representações comportam-se no inconsciente, que é fundamentalmente diferente daquela como se comportam na consciência. Trata-se de um funcionamento que “[...] é caracterizado, não, como afirmava a psicologia clássica, por uma ausência de sentido, mas por um incessante deslizar deste” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p. 475).

O inconsciente é regido pelos processos primários e pelo princípio do prazer, em contraposição ao consciente, que é governado pelo princípio da realidade e pelos processos secundários.

Nos processos primários, a energia psíquica circula livremente, segundo os mecanismos de deslocamento e condensação, investindo e reinvestindo as representações, numa tentativa desenfreada de atender ao princípio do prazer que o impulsionou. A contradição lógica e a realidade externa são inteiramente ignoradas por estes mecanismos. Em contraposição, os processos secundários desempenham uma função de ordenação das representações, segundo a qual, “[...] o pensamento tem que se interessar pelas vias de ligação entre as representações sem se deixar extraviar pelas *intensidades* dessas [...]” (FREUD, 1976,

v. 5, p. 640), tornando possível a constituição do “eu”, cuja função é inibir os processos primários.

O princípio do prazer objetiva a descarga total e imediata de qualquer montante de tensão psíquica. Ele é a força motriz das manifestações do inconsciente, empurrando, por assim dizer, as representações recalçadas em direção ao consciente, com o objetivo de obter prazer pela liberação energética da suspensão do recalque. Por esta razão é que o retorno do recalçado está sempre em ação no psiquismo.

Por oposição, o princípio da realidade rege a vida consciente, adiando a realização do prazer, em conformidade com as exigências do mundo externo e dos valores morais do sujeito. É ele, a mola impulsionadora do recalque, que é executado pela porção inconsciente do “eu”. Ao recalcar, o “eu” investe uma certa parte da energia vital do sujeito, para impedir que as representações proibidas retornem. É este dispêndio de energia que aciona o princípio do prazer na sua tentativa de “desrecalcar” as representações inconscientes.

Até aqui, podemos notar que todo conhecimento aferido sobre o inconsciente foi fruto das observações das suas manifestações. Os mecanismos inconscientes são, em si mesmos, incognoscíveis. Freud (1976, v. 14, p. 197), num momento de reflexão crítica, afirma: “A suposição psicanalítica a respeito da atividade mental inconsciente nos aparece, por um lado, como uma nova expansão de animismo primitivo, que nos fez ver cópias de nossa própria consciência em tudo o que nos cerca [...]”. Esta afirmação coloca o inconsciente como algo externo ao sujeito. Algo que só pode ser examinado indiretamente e “intuído”. Freud, neste texto, traça um paralelo entre a condição incognoscível do inconsciente com aquela da “coisa em si” kantiana, mas afirma, de maneira esperançosa, “[...] que os objetos internos são menos incognoscíveis do que o mundo externo”(p. 197).

## 4.2 UMA CAPTURA IMPOSSÍVEL

Anteriormente, verificamos que o exame efetuado na estátua de Moisés ocupa-se de uma análise atípica. Não se verifica aqui uma investigação psicanalítica. Através desse texto, Ginzburg foi capaz de aproximar o processo de análise freudiano daquele de Morelli. A intenção de Michelangelo de censurar a atitude do papa e fazer uma advertência a si mesmo em mármore, pôde, até um certo ponto, ser demonstrada pelos indícios expostos corporalmente na obra do escultor, da mesma maneira como Morelli era capaz de sondar a existência dos aspectos particulares de cada mestre numa obra de arte, para comprovar ou não a sua autenticidade. Similarmente, Holmes determina a identidade de um criminoso, através das associações lógicas que conectam as pistas físicas, deixadas no local do crime, a um determinado indivíduo.

Quando se trata de uma investigação da motivação inconsciente de um sujeito, entretanto, os indícios formam uma trilha associativa no interior da subjetividade do sujeito investigado, penetrando no pré-consciente e daí no inconsciente, o que irá impedir o mesmo tipo de procedimento das investigações anteriores.

Os indícios deixados têm que ser exibidos para o “eu” do sujeito que os produziu, a fim de que a investigação possa prosseguir. Da mesma forma, é este sujeito que irá dar a chave da decodificação de cada uma das representações. A investigação, portanto, é feita no interior da própria pessoa em que o indício foi constatado, e ela mesma fornecerá a trilha associativa que deverá ser percorrida. E, sobretudo, é no interior da sua vida mental que o sujeito procurado se esconde. O local, entretanto, em que este sujeito se encontra é o inconsciente, cujo acesso é interdito à investigação direta.

O sujeito a ser desvelado encontra-se em um território apenas presumido pelos indícios que ele, por assim dizer, deixou para trás. No seu refúgio, não podemos “pôr as mãos

sobre ele”, pois, lá, as leis que regem as formações das idéias não são aquelas da racionalidade consciente. Tudo que podemos fazer é presumir a sua existência neste território incógnito, através dos indícios que ele enviou e que foram deslocados, condensados e metaforizados no seu caminho para a consciência.

Um outro aspecto da peculiaridade deste sujeito é a sua singularidade. Cada pessoa é constituída psiquicamente de uma forma única. Sonhos, atos falhos e, mesmo, sintomas podem manifestar-se em diferentes pessoas, de maneira idêntica. Outras pessoas, além de Freud, por exemplo, familiarizadas com o nome de Signorelli, podem manifestar o ato falho de esquecê-lo no momento em que queiram mencioná-lo. O motivo do ato falho poderá até mesmo ser o de evitar lembrar-se da morte de um paciente. Nada impede este tipo de coincidência. Porém, é da exclusividade de cada um, a estrutura mental que tece a trama associativa que parte do desejo infantil recalcado e que termina por manifestar-se metaforicamente na vida consciente do sujeito.

Algo em Freud “preferiu”, naquele instante, colocá-lo numa situação embaraçosa do esquecimento do nome do pintor ao invés de fazê-lo lembrar-se do suicídio do paciente. Que circunstâncias ocasionaram a escolha desta opção? Poderia ter sido diferente. O nome “Signorelli” poderia ter vindo à consciência, ainda que isto o fizesse passar pelo mal-estar da lembrança da notícia recebida em Trafoi. Naquele instante, entretanto, não era possível, não para aquele sujeito. Havia uma convergência de forças geradas no interior da sua psique, uma sobredeterminação de fatores, que provocaram a ocorrência do ato falho.

É esta combinação, resultante de diversas circunstâncias, que determina a emergência do sujeito, e é a complexidade dos entrelaçamentos de fatores psíquicos, desde a natureza da estruturação infantil, somando-se a todas as experiências de vida e convergindo para a condição específica do instante no qual a manifestação ocorre, que dará ao sujeito as suas características de fugacidade e de singularidade.

Tomemos um outro exemplo: o caso clínico de Frau Caecilie. Seu sintoma da nevralgia levou Freud ao entendimento de que esta dor facial representava a simbolização de um insulto, que se expressava como “uma bofetada na cara” e, como tal, lhe doía. Esta tradução de um afeto psíquico numa sensação corporal pôde ser rastreada, de insulto em insulto, até um momento em que a moça, anos antes, tinha associado uma cena dolorosa com a dor facial que sentia nesse instante. Este fora o momento da gênese da conversão do sentimento desagradável em dor física. Posteriormente, esta associação por contigüidade, sedimentada na sua vida psíquica, fazia o trabalho de converter alguns dos seus desprazeres em dores faciais.

Avaliando esse aspecto da análise, percebemos que nada ficamos sabendo a respeito do inconsciente desta paciente. Tudo o que conseguimos apreender foi a sua disposição para metaforizar expressões verbais em dores corporais. A estrutura mental inconsciente de Frau Caecilie continuou oculta para nós. O que teria determinado a sua disposição para desenvolver o mecanismo da tradução de eventos verbais em manifestações corporais? De que maneira a sua estrutura mental, fundada na infância, organizou os seus desejos em representações capazes de materializar no corpo as suas questões psíquicas? Em termos freudianos, como se deu a sua “escolha da neurose”? As respostas a estas perguntas não foram dadas por Freud nos seus escritos sobre a paciente, mas são necessárias para que haja um aprofundamento da investigação deste caso clínico.

Se atentarmos para os exemplos das manifestações do inconsciente que examinamos ao longo deste trabalho, vamos observar que a análise de suas trilhas associativas nos levam somente até o pré-consciente.

Quando nos deparamos com a amiga de Irma ou a esposa de Freud ou, ainda, a sua filha, todas representadas por Irma no sonho, ficamos diante de representações que estavam ligadas ao desejo de Freud. A análise, entretanto, detém-se num ponto em que as



representações associadas às manifestações oníricas eram já do conhecimento de Freud. A doença da sua filha; sua preferência pela amiga de Irma, como paciente; seu desejo de vingar-se de Otto; a tentativa de transferir para Irma a culpa da persistência da sua doença e, até mesmo, a razão pela presença da sua mulher no sonho, nunca revelada, tudo isto tratava-se de material do pré-consciente, que Freud não ignorava.

Quando ele nos diz que não deseja ir mais longe na análise, quer dizer que ainda há trilha a ser seguida na direção de representações mais íntimas e mais secretas. Estas representações, por sua vez, poderão levar a outras ainda mais ocultas, nesta trilha que enveredaria pelo seu inconsciente. O sujeito que se encontra ao fim da trilha investigada numa análise deste tipo, é o detentor de um desejo nunca desvelado, pois está irremediavelmente oculto.

Se traçássemos uma analogia dos sujeitos descobertos no final das investigações de Morelli e de Holmes com o sujeito freudiano, Holmes teria que apontar, não o criminoso, mas a sua motivação mais íntima para a realização do crime, enquanto Morelli não nos apresentaria o nome do autor da obra de arte, mas sim aquilo que, no fundo da sua alma, o levou a criá-la, uma motivação determinada por um desejo mais arraigado do que aquela apontada por Freud na análise do Moisés de Michelangelo, na qual apenas a vontade consciente do escultor foi examinada.

Além de tudo que já foi dito, o sujeito na teoria freudiana não é estático. Não é uma estátua de mármore, imutável no tempo. Ele varia com as experiências realizadas. Se descobrirmos, por exemplo, o que está por trás de uma manifestação que afeta uma representação pré-consciente, produzindo um ato falho, aquilo que “estava”, cessa de estar. A permanência deste sujeito só se dá enquanto o “eu” não sabe que ele existe. A sua existência termina no instante em que é capturado. Como apresentá-lo ao exame de terceiros?

Aquilo que fez com que Freud esquecesse o nome “Signorelli” desapareceu quando ele, de posse do nome, pôde traçar o caminho de volta à causa do esquecimento. O nome “Signorelli” ficará associado a este acontecimento e, em princípio, Freud não mais o esquecerá, não pelo mesmo motivo. No Freud que foi constituído a partir deste acontecimento, Signorelli e o suicídio do paciente, inteirado em Trafoi, andarão lado a lado numa associação por contigüidade. O sujeito que tinha razões para se esquecer de “Signorelli”, deixou de existir.

Imaginemos que Sherlock Holmes, ao fim das suas investigações, acabasse por capturar o criminoso, mas fosse interpelado: “Não se trata realmente do criminoso, este aí, pois o sujeito que cometeu o crime não é mais este. Ele mudou muito, de lá para cá, engordou, entrou para a Igreja, arrependeu-se, conheceu uma moça direita e vão-se casar, portanto não é mais o mesmo, não podemos prendê-lo”. Holmes certamente não iria dar ouvidos a uma argumentação desta espécie. Mas este tipo de argumento é inteiramente pertinente numa investigação freudiana. Se tentarmos apontar o sujeito encontrado no final da pista, ele não estará mais lá. Tudo o que resta são as pistas deixadas por ele.

Como a esfinge que se extingue quando é decifrada por Édipo, o sujeito causador da manifestação do inconsciente deixa de existir quando deciframos o seu enigma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, examinamos as peculiaridades do método freudiano de investigação da mente e consideramos a sua inclusão no modelo epistemológico proposto por Carlo Ginzburg, denominado paradigma indiciário. Observamos as especificidades do método de Freud, ao contrapô-lo com aqueles de Morelli e Holmes, os dois outros integrantes deste paradigma.

Os principais pontos verificados foram que o sujeito encontrado ao fim das investigações de Morelli e Holmes eram indivíduos que possuíam uma identidade concreta, capazes de serem apresentados objetivamente, enquanto o sujeito que surge ao fim da investigação freudiana é fugaz e pontual. Sua identidade não se presta a um exame direto. Ao mesmo tempo, verificamos que, enquanto Morelli e Holmes executam as suas investigações, levando em conta as leis das ciências conhecidas e de acordo com as normas lógicas estabelecidas, Freud efetua a sua análise em um terreno novo, por ele mesmo pavimentado, cuja lógica de funcionamento é peculiar e inerente à sua teoria.

Uma questão que permeia este trabalho é: “que lugar o método freudiano de investigação da mente ocupa entre as ciências?”. Associada a esta, surge uma outra que inquire sobre se este método poderá ou não ser realizado pela indução científica. A aplicação desta última está, de certa forma, atrelada, no imaginário coletivo, à classificação de todo método de aquisição do conhecimento científico.

Há séculos, o problema da indução vem sendo trabalhado por mentes vigorosas. Algumas soluções foram propostas a fim de tornar o método indutivo cada vez mais digno de confiança e a indução científica, mais criteriosa. Em 1843, Stuart Mill publicou *A System of Logic*, no qual propõe a aplicação do método de investigação científica pela inferência

indutiva através de quatro regras ou cânones. Estes cânones, aplicados a uma pesquisa, contribuem para lhe dar um maior rigor metodológico.

Freud manteve contato com a obra de Stuart Mill durante a sua juventude. Enquanto prestava o serviço militar, em 1880, ele traduziu para o alemão quatro de seus ensaios. Três anos mais tarde, irá dizer, numa carta, que não gostou do “[...] seu estilo sem vida e do fato de que em sua obra nunca se podia encontrar um período ou uma frase que se pudesse guardar na memória”, para acrescentar, em seguida, que “[...] mais tarde li uma obra filosófica dele que era espirituosa, tersa como um epigrama e cheia de animação”, concluindo com um inesperado elogio: “É bem possível que ele tenha sido em todo o século o homem em melhores condições para livrar-se da dominação dos preconceitos comuns” (apud JONES, 1989, v. 1, p. 184).

Não ficamos sabendo se esta “obra filosófica espirituosa e tersa” trata-se do *Sistema de lógica*, mas o fato é que num livro de 1891, antes mesmo da criação da Psicanálise, Freud cita um trecho desta obra (FREUD, 1977, p. 71), mostrando-se informado sobre as suas premissas. É natural que consideremos que os cânones da indução de Mill permaneceram na mente de Freud e lhe surgiam à memória toda vez que pensava no estatuto científico das suas teorias.

Mesmo que consideremos que, ao longo do tempo, a preocupação de Freud com o estatuto científico da psicanálise foi diminuindo, a menção da sua associação com a Ciência mantém-se até o fim da vida. Num dos seus últimos artigos, podemos vê-lo ainda afirmar que “A psicanálise não precisa de uma *Weltanschauung*; faz parte da ciência e pode aderir à *Weltanschauung* científica” (FREUD, 1976, v. 22, p. 220).

As investigações realizadas por Holmes e Morelli possuem características, já discutidas neste trabalho, que as habilitam a serem incluídas no método indutivo. Ao descobrir uma cinza no chão e associá-la a um tipo de charuto, Holmes poderá descobrir todos

os recentes compradores deste charuto e, em seguida, catalogar a sua lista inicial de suspeitos. Através dos álibis de cada um deles, do motivo que cada um teria para cometer o crime e de outras circunstâncias que possam conectá-los à possível participação no crime investigado, Holmes poderá estreitar o número dos suspeitos, submetendo-os ao método da concordância de Mill, até chegar ao homem procurado. “Já se demonstrou que a lógica subjacente a esse método [da concordância] é semelhante à lógica subjacente ao método do hábil detetive que elimina, um por um, os suspeitos, com o objetivo de identificar o culpado” (SKYRMS, 1971, p. 128).

Da mesma forma, Morelli, pesquisando os possíveis autores de uma obra de arte e comparando com, por exemplo, seu catálogo de tipos de orelha dos mestres da pintura, poderá usar este mesmo, ou qualquer outro método indutivo, e chegar ao nome final da sua lista. A demonstração do método empregado numa pesquisa deste tipo estará disponível para o julgamento de terceiros quanto à validade da lógica empregada.

Freud, porém, na sua investigação, não poderá lançar mão desses métodos. A sua pesquisa envereda por associações que são válidas para apenas um indivíduo. Nenhuma demonstração da sua validade poderá ser efetuada. Como já expusemos, a natureza das conexões entre as idéias, o terreno através do qual elas enveredam e a peculiaridade do sujeito encontrado ao final da investigação impedem a aplicação de qualquer método de repetição avaliativa. Mas, até que ponto a inclusão de um programa de pesquisa na metodologia indutiva é imprescindível?

Desde *O tratado da natureza humana*, de Hume, sabemos que o método indutivo é menos racionalmente sistematizável do que a comunidade científica gostaria que fosse. O Santo Graal dos defensores da racionalidade científica é a fundamentação, num argumento indutivamente forte, de um grau de certeza de verdade tão consistente quanto aquele obtido por um argumento dedutivamente válido. Acontece que a certeza obtida através deste último

argumento não se aplica à previsão do futuro, âmbito da Ciência, enquanto a indução científica, capaz de predizer eventos ainda por se estabelecerem, não oferece a tão desejada certeza. O máximo que se pode obter de uma inferência bem feita, a partir de um argumento indutivamente forte, é uma boa probabilidade de acerto. A margem de erro – que se mantém inexorável – deixa na Ciência um gosto amargo de incerteza, contribuindo significativamente para as intermináveis querelas sobre a sua real natureza.

O lugar de paradigmas científicos que não utilizem o método indutivo está aberto no bojo da Ciência. O paradigma indiciário parece ajustar-se ao método freudiano como nenhum outro.

“Uma disciplina como a psicanálise constitui-se, como vimos, em torno da hipótese de que pormenores aparentemente negligenciáveis pudessem revelar fenômenos profundos de notável alcance”(GINZBURG, 2001, p. 178). Estes “pormenores aparentemente negligenciáveis” são, sem dúvida, qualitativos, pois aqueles quantificáveis não são negligenciados pelas ciências exatas, que os equacionam e os englobam em Leis. Não há Leis na teoria freudiana. Freud, ao falar da aplicação do seu método de pesquisa, nos alerta para apenas uma regra – dita “fundamental” – a da livre associação, de que já tratamos anteriormente. A sua aplicação dá-se com a suspensão da censura consciente quanto à natureza das idéias que surgem à mente em associação àquelas tomadas como indícios. Não há como equacionar quantitativamente este tipo de regra. O grau de aptidão para atingir o estado mental necessário para a aplicação eficiente desta regra é obtido pela experiência, pelo conhecimento da teoria psicanalítica, mas também pela intuição dos investigadores: o analista e o analisante. “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (p. 179).

Ao focar na teoria freudiana especificamente o seu método de pesquisa, apreendemos que ele se ajusta adequadamente a este paradigma, que trata de “[...] disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objeto casos, situações e documentos individuais, *enquanto individuais*, e justamente por isso alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade” (p. 156).

Resta-nos uma consideração a fazer. Ginzburg (p.143), ao introduzir o paradigma indiciário, afirma que a sua análise “[...] talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’”. À primeira vista, esta perspectiva nos acena como um possível desfecho na incessante controvérsia epistemológica sobre o que é e o que não é Ciência, na qual as idéias freudianas desempenham um papel considerável. Para um estudioso das idéias de Freud, surge, espontaneamente, a esperança de que o anseio de Freud de qualificar a sua descoberta como uma ciência, possa, por fim, triunfar. Porém um segundo olhar sobre a questão nos infunde uma realidade mais complexa.

A indeterminação epistemológica quanto à “verdadeira” natureza da Ciência não deixa dúvida quanto ao fato de que, se um novo paradigma auxilia a classificação de um saber entre as ciências, deslocará para si os incômodos da contraposição racional *versus* irracional, tornando-se, ele mesmo, objeto de suspeição epistemológica. Porém, talvez este deslocamento possa produzir um efeito elucidativo nesta questão recalcitrante, de forma que, se não a soluciona, ao menos auxilia o seu equacionamento.

Uma questão que se nos impõe quando tratamos da “contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’”, no que concerne à epistemologia das idéias freudianas, é a de que a natureza desta contraposição é um dos pontos-chave da articulação desta teoria. A mesma teoria que lança luz sobre a contraposição do racional e irracional no psiquismo humano estaria sendo julgada, segundo parâmetros que não são os seus, sobre a sua racionalidade como método de pesquisa. Há aí, ao menos aparentemente, um embaralhamento

entre relação externa e interna. O conceito que pretende julgar a teoria é o mesmo que é alterado por ela. Neste ponto, não podemos deixar de evocar Thomas Kuhn (2001, p. 127), quando nos diz que as revoluções científicas se assemelham às revoluções políticas, pelo fato de que estas “[...] visam realizar mudanças nas instituições políticas, mudanças essas proibidas por essas mesmas instituições que se quer mudar”. Desta forma, o surgimento de um novo paradigma se dá com o rompimento das leis paradigmáticas que poderiam julgar a sua validade. Tratando-se da teoria freudiana, como julgar o grau de racionalidade de uma teoria que muda o conceito de “racional”? Esta questão fica em aberto neste trabalho, podendo ser tema de pesquisas futuras.



## REFERÊNCIAS

- BACHA, Maria Lourdes. *A indução de Aristóteles a Peirce*. São Paulo: Legnar, 2002.
- BIRMAN, Joel. *Ensaio de teoria psicanalítica*. Parte 1: Metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BORJES, Jorge Luís. O conto policial. In:\_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. v. 4, p. 220-230.
- CHILAND, Colette. *Homo psychanalyticus*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- COPI, Irving M. *Introdução à lógica*. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- DÖR, Joel. *A-cientificidade da Psicanálise: 1 A alienação da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- DOYLE, Sir Arthur Conan. *Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 3v.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. (Org.). *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos [1900] In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 4 e 5.
- FREUD, Sigmund. Algumas lições elementares de psicanálise [1938] In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.23, p.315-321.
- FREUD, Sigmund. Casos clínicos:(2) Frau Emmy von N .[1895] In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 2, p. 91-152.
- FREUD, Sigmund. Casos clínicos:(5) Fraülein Elisabeth von R.[1895] In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 2, p. 184-231.
- FREUD, Sigmund. Conferência introdutória sobre psicanálise: conferência 2 – Parapraxias. [1916]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 15, p. 39-55.
- FREUD, Sigmund. Conferência introdutória sobre psicanálise: conferência 17 – O sentido dos sintomas [1917]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 16, p. 305-322.

FREUD, Sigmund. Notas sobre um caso de neurose obsessiva [1909]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 10, p. 157-317.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: conferência 35 – A questão da *weltanschauung* [1933]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 22, p. 193-220.

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas: Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago. 2004. v. 1.

FREUD, Sigmund. O inconsciente [1915]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 14, p. 191-245.

FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo [1914]. ]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 13, p. 249-280.

FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. O volume pertence à segunda edição, inteiramente revisada pela Dra. Vera Ribeiro, da Edição *Standard* das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

FREUD, Sigmund. Uma breve descrição da psicanálise [1924]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 19, p. 239-259.

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico [1925]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 20, p. 17-92.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1985.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. v. 1: Sobre as afasias; O projeto de 1895.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2: A Interpretação do Sonho (1900).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. v. 3: Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (1914-1917).

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 143-179.

GIOVACCHINI, P. *Roteiro à leitura de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

HANNS, Luiz. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Unesp, 1999.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Unesp, 2001.

INTRIGA internacional (North by northwest). Direção: Alfred Hitchcock. Produção: Herbert Coleman. Intérpretes: Cary Grant, Eva Marie Saint, James Mason, Jessie Royce Landis e outros. Roteiro: Ernest Lehman. Música: Bernard Herrmann. Los Angeles: Metro Goldwyn Mayer, 1959.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 34-62.

JONES, Ernest. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 3 v.

KOßLER, Mathias. O Inconsciente em Schopenhauer In: \_\_\_\_\_. SALLES, João Carlos (Org.). *Schopenhauer e o Idealismo Alemão*. Salvador: Quarteto, 2004. p. 187-199.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. v. 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MANONNI, Octave. O que é associar livremente? In: \_\_\_\_\_. *Um espanto tão intenso*. Rio de Janeiro: Campus, 1992. p. 75-79.

MANNONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

NASIO, Juan David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

POE, Edgar Allan. Os crimes da rua Morgue. In: \_\_\_\_\_. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 109-150.

RAPAPORT, David. *A estrutura da teoria psicanalítica*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud, o século da psicanálise, 1895-1995*. São Paulo: Escuta, 1995. 3 v.

ROTHGEB, Carrie Lee (Org.). *Freud: resumo das obras completas*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1984.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAPORITI, Elisabeth. *A cientificidade da psicanálise: Popper e Peirce*. São Paulo: Escuta, 1994.

SKYRMS, Brian. *Escolha e acaso: uma introdução à lógica indutiva*. São Paulo: Cultrix, 1971.

SOUZA, Paulo César de. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática, 1999.